



PUC  
RIO

A "FORCLUSION" LACANIANA COMO O MECANISMO  
PSICANALÍTICO FUNDAMENTAL DA PSICOSE:  
UM ESTUDO CRÍTICO

Maria Izabel de Melo Monteiro

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A "FORCLUSION" LACANIANA COMO O MECANISMO  
PSICANALÍTICO FUNDAMENTAL DA PSICOSE:  
UM ESTUDO CRÍTICO

por

Maria Izabel de Melo Monteiro

Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA



Dr. Carlos Paes de Barros  
Orientador da tese

Rio de Janeiro, fevereiro de 1973

78041



J14413  
BC

150  
M 775  
TESE UC  
BT 374 B-1  
SC 1

M  
775

RECE

A meus pais

Ao Prof. Carlos Paes de Barros,  
que orientou este trabalho com  
dedicação, clareza e grande in  
centivo, a minha profunda gra-  
tidão.

A CAPES e ao Departamento de  
Psicologia da Pontifícia Uni -  
versidade Católica do Rio de  
Janeiro, o meu reconhecimento  
pelo apoio e facilidades que  
me tornaram possível este tra-  
balho.

## SUMÁRIO

O presente trabalho é um estudo crítico do conceito de "forclusion" (Verwerfung), introduzido na psicanálise por Jacques Lacan, como mecanismo fundamental da psicose.

Freud relacionou a repressão (Verdrängung) com as neuroses, a recusa (Verleugnung) com a perversão, e fez várias tentativas de estabelecer um mecanismo típico da psicose. Os primeiros estudos freudianos sobre o assunto<sup>7,9</sup> já reconhecem a necessidade de uma defesa característica da psicose, muito mais enérgica e eficaz do que a repressão (Verdrängung). Em "O Inconsciente"<sup>14</sup>, distingue uma estrutura composta de catexe de objeto e uma outra formada de catexe de palavra. A consciência implicaria na união da catexe de objeto com a catexe da palavra correspondente. A repressão (Verdrängung) seria a não tradução em palavras de catexes de objeto, que permaneceriam inconscientes. Esta concepção foi obtida a partir da observação da linguagem do esquizofrênico. Nesta psicose há uma subtração de catexe da representação do objeto no interior do próprio inconsciente, ao mesmo tempo que há um superinvestimento da representação do verbo.

Em estudos posteriores<sup>19,20</sup>, Freud conclui que o neurótico seria aquele que reprimiria as tendências do id, sob pressão da realidade externa e em proveito da mesma. O psicótico, obedecendo ao id, recusa a realidade externa. A partir de então, Freud passou a se preocupar com o mecanismo de recusa (Verleugnung), estabelecendo uma certa semelhança entre o psicótico

e o perverso. Nos dois casos haveria uma recusa (Verleugnung) seguida de clivagem (Spaltung).

Lacan pretende retornar ao sentido freudiano, prolongando-o com as novas descobertas da linguística e da antropologia estrutural.

Através do Complexo de Édipo, procura explicar a inscrição da criança no registro simbólico da linguagem e da família.

O acesso à ordem simbólica está simultânea e indissoluvelmente ligada a uma repressão originária (Urverdrängung) já referida por Freud, ao distinguir três momentos no processo de repressão (Verdrängung).

A simbolização (Bejahung) primária é estruturante do sujeito. A "forclusion" (Verwerfung) seria uma oposição a esta simbolização. A criança, no caso, não introjeta representações de objetos que vão constituir um primeiro núcleo inconsciente. A recusa do real, nestes termos, é o que Lacan denomina "forclusion", referindo-se a "Verwerfung" empregada por Freud quando da análise do "Homem dos Lobos"<sup>16</sup>.

Lacan, retomando o "Caso do Presidente Schreber"<sup>12</sup>, analisa este mecanismo num enfoque linguístico. A "forclusion" (Verwerfung) seria, então, a rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico do indivíduo.

Este conceito corresponde à letra e ao sentido freudiano e caracteriza um mecanismo típico da psicose, que não se reduz a uma recusa (Verleugnung) seguida de clivagem (Spaltung).

## RESUME

Le présent travail est une étude critique du concept de "forclusion" (Verwerfung) introduit dans la psychanalyse par Lacan en tant que mécanisme fondamental de la psychose.

Freud établit une relation entre le refoulement (Verdrängung) et la névrose, entre le déni (Verleugnung) et la perversion, et il tenta à plusieurs reprises d'établir un mécanisme typique de la psychose. Les premières études freudiennes sur ce sujet<sup>7,9</sup> admettent déjà la nécessité d'une défense caractéristique de la psychose beaucoup plus énergique et efficace que celle du refoulement (Verdrängung). Dans son oeuvre "L'Inconscient"<sup>14</sup> il distingue une première structure, composée d'un investissement dans l'objet et une seconde formée par l'investissement dans la parole. La conscience impliquerait donc l'union de l'investissement dans l'objet avec l'investissement dans la parole correspondante. Le refoulement (Verdrängung) serait alors la non traduction en paroles des investissements faits dans l'objet qui les feraient rester inconscients. Cette conception fut obtenue grâce à l'observation du langage employé par le schizophrène. Associé à cette forme de psychose, on trouve la soustraction de l'investissement dans la parole au sein-même de l'inconscient, tandis qu'il y a un surinvestissement dans la représentation du verbe.

Dans ses études postérieures<sup>19,20</sup>, Freud conclut que le névrotique serait celui qui refoulerait les tendances de son "ça" sous la pression de la réalité externe et à profit de cette même réalité. Le psychotique, en obéissant au "ça", rejette la réalité externe. A partir de ce moment, Freud commence à se préoccuper du mécanisme du dé-



ni (Verleugnung), tout en établissant une certaine ressemblance entre le psychotique et le pervers. Dans les deux cas il y aurait déni (Verleugnung) suivi de clivage (Spaltung).

L'intention de Lacan est de retourner au sens freudien, tout en le prolongeant, grâce aux nouvelles découvertes de la linguistique et de l'anthropologie structurelle.

À travers du complexe d'Oedipe, il cherche à expliquer l'inscription de l'enfant dans le registre symbolique du langage et de la famille.

L'accès à l'ordre symbolique est lié de façon simultanée et spontanée au refoulement originaire (Urverdrängung) auquel Freud fait allusion lorsqu'il distingue trois moments dans le processus de refoulement (Verdrängung).

La symbolisation (Bejahung) primordiale confère au sujet sa propre structure. La "forclusion" (Verwerfung) serait alors une opposition dressée contre une telle symbolisation.

L'enfant, dans ce cas, n'introjecte pas les présentations des objets lesquelles formeraient ainsi un premier noyau inconscient.

Le déni du réel, en ces termes, est ce que Lacan désigne comme forclusion, se référant au terme "Verwerfung" employé par Freud lors de l'analyse qu'il fit dans l'ouvrage "L'Homme des Loups".

Lorsqu'il reprend le "Cas du Président Schreber", Lacan analyse ce mécanisme sous un biais linguistique. La forclusion devient alors la rejection primordiale d'une signification fondamentale au dehors de l'univers symbolique de l'individu.

Ce concept correspond à la lettre et à l'esprit freudien et caractérise un mécanisme typique de psychose qui ne se réduit pas au déni (Verleugnung) suivi de clivage (Spaltung).

## Í N D I C E

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - Evolução do Pensamento Freudiano.....	7
1.1. A Psicanálise enquanto Técnica Terapêutica e de Investigação.....	8
1.1.1. A Associação Livre.....	9
1.1.2. A Interpretação dos Atos Falhos.....	10
1.1.3. A Interpretação dos Sonhos.....	11
1.1.4. A Investigação Etiológica. Sexualidade Infantil.	12
1.2. Alguns Aspectos Metapsicológicos: Ponto de Vista Topográfico.....	15
1.2.1. Critério Funcionalista. Adaptação e Desenvolvi - mento.....	15
1.2.2. Critério de Acessibilidade.....	19
1.2.3. Processo Psíquico Primário e Processo Psíquico Secundário.....	23
CAPÍTULO 2 - Neurose, Perversão e Psicose na Teoria Psicanalíti- ca.....	26
2.1. A Organização Genital Infantil.....	26
2.2. O Mecanismo de Repressão (Verdrängung) e as Neuro- ses.....	29
2.3. O Mecanismo de Recusa (Verleugnung) nas Perversões e Psicoses.....	33
2.4. O Conceito de Clivagem (Spaltung).....	37
CAPÍTULO 3 - O Pensamento Lacaniano.....	38
3.1. Jacques Lacan. Dados Biográficos.....	39
3.2. O Movimento Psicanalítico Francês e a Escola Freu-	

diana de Paris.....	40
3.3. O Discurso Lacaniano.....	45
3.3.1. A Utilização da Linguística por Lacan.....	49
3.3.2. A Significação do Complexo de Édipo. O "Phallus" como Significante Primordial.....	58
3.3.3. Significação do Inconsciente. Sua Estrutura e Processos.....	66
3.3.4. Neurose, Perversão e Psicose na Concepção Lacani ana.....	73
CAPÍTULO 4 - O Mecanismo de "Forclusion" (Verwerfung).....	77
4.1. Introdução.....	77
4.2. Conceito de "Forclusion" (Verwerfung).....	79
4.3. O Estudo da "Forclusion" (Verwerfung) no Caso do Presidente Schreber.....	82
4.4. Psicose Delirante e Esquizofrenias não paranóide..	87
CONCLUSÃO.....	89
BIBLIOGRAFIA.....	99

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado com base numa investigação teórica, realizada com o propósito de verificar a validade e a utilidade do termo "forclusion" (Verwerfung), introduzido por Jacques Lacan na teoria psicanalítica como possível mecanismo originário do fenômeno psicótico.

O nosso interesse por este assunto foi desenvolvido a partir do estudo da teoria psicanalítica realizado durante o mestrado, bem como pelo desejo de conhecer novas abordagens deste sistema. Esta escolha se prende também à necessidade que sentimos de maior clareza na concepção psicanalítica da psicose.

Em nossa tentativa de sistematização da matéria e da indagação da validade e da utilidade da "forclusion" (Verwerfung) no contexto da teoria psicanalítica, iniciamos com um retorno a Freud, como propõe Lacan.

O primeiro capítulo apresenta uma síntese da evolução do pensamento freudiano enquanto técnica terapêutica e de investigação, até formar uma série de conhecimentos que foram paulatinamente constituindo uma disciplina e, por fim, um sistema teórico internamente consistente. Detém-se na psicanálise enquanto um sistema teórico, vez que o nosso objetivo é o estudo de um conceito psicológico, recorrendo também a pontos de vista metapsicológicos. A descrição dos critérios utilizados por Freud no desenvolvimento de sua teoria para distinguir os processos psíquicos primários dos processos psíquicos secundários, torna-se necessária

ao entendimento da significação que tem o sistema inconsciente para Lacan, quando define a "forclusion" (Verwerfung) utilizando o modelo linguístico.

O segundo capítulo trata do estudo das neuroses, perversões e psicoses, procurando analisar os mecanismos subjacentes a estas afecções. Assim, é relacionada a repressão (Verdrängung) com as neuroses, a recusa (Verleugnung) com a perversão, e discutidas as tentativas que Freud realizou no sentido de estabelecer um mecanismo típico da psicose, recorrendo ainda ao conceito de clivagem (Spaltung).

O terceiro capítulo procura situar a posição de Lacan no movimento psicanalítico francês, a reação provocada por seus ensinamentos e os pontos fundamentais de seu discurso.

Jacques Lacan, afirmando aceitar os postulados básicos da teoria psicanalítica, propõe uma volta a Freud, e, com esta visão, critica todos aqueles que se apoderaram da letra freudiana, tornando-a morta. O sentido de um retorno a Freud constitui-se para o referido autor num "retorno ao sentido de Freud". Com esta pretensão, vai prolongar a obra freudiana, fundamentando-se nas novas descobertas da linguística e da antropologia estrutural. No caso específico da "forclusion" (Verwerfung), empreende uma ampliação do sistema teórico psicanalítico, <sup>m</sup>aparando-se na necessidade que Freud teria deixado implícita em seus escritos, de caracterizar um mecanismo típico de psicose. Dentro deste raciocínio, a teoria da "forclusion" (Verwerfung) seria para Lacan fiel ao sentido freudiano, e capaz de esclarecer alguns aspectos obscuros do sistema psicanalítico.

O retorno às descobertas de Freud e o recurso à linguística com a articulação científica do inconsciente são considerados co

mo a contribuição mais importante da obra lacaniana, tanto à psicanálise como às outras ciências humanas.

O pensamento de Lacan é nitidamente influenciado pela linguística, mas não seria possível se justificar plenamente as analogias efetuadas entre o uso da linguagem no plano da consciência e seu uso no do inconsciente. Lacan, portanto, se serve dos conceitos da linguística estrutural lançados por Saussure<sup>51</sup>, e os utiliza analogicamente para melhor compreensão dos temas psicanalíticos, sem fugir das direções estabelecidas por Freud em sua "Interpretação dos Sonhos".<sup>10</sup>

Na aplicação que faz do modelo linguístico aos dados psicanalíticos, propõe uma compreensão do sujeito segundo um esquema composto de estruturas. A linguística, através do algoritmo  $\frac{S}{s}$ , apresenta o discurso como uma estrutura composta de estratos, o que permite uma certa autonomia do mesmo em relação aos conceitos que o compõem. Lacan, centrando sua atenção na barra divisória do algoritmo, define o significante (S) como o suporte material do discurso (a letra ou os sons), e o significado (s) como o sentido comum, o conceito expresso. Significante e significado são, portanto, duas ordens distintas, separadas por uma barra resistente à significação; dois fluxos paralelos onde os pontos de correspondência são mínimos. A significação nasce progressivamente de uma disposição equilibrada dos termos, excluindo os inadequados e evocando outros comparáveis. Ele se fixou nos procedimentos estilísticos, sobretudo na metáfora e na metonímia correspondentes à condensação e ao deslocamento freudiano, respectivamente, capazes de esclarecer a relativa autonomia da linguagem.

O Complexo de Édipo assume uma importância capital na teo-

ria lacaniana, pois, através deste fenômeno, procura explicar a inscrição da criança no registro simbólico da linguagem e da família e sua conseqüente individualização no seio do grupo familiar e da sociedade.

O Édipo estaria relacionado não somente com o acesso à cultura, mas também com o acesso à linguagem. Uma resolução satisfatória da tragédia edipiana possibilitará que o significante originário de si (o nome) fique à disposição do sujeito na sua singularidade. O Édipo permite, pois, a passagem do registro do "imaginário" ao registro do "simbólico", ou seja, à linguagem, não sendo apenas um estágio da psicologia genética, mas o momento em que a criança se humaniza, ao tomar consciência de si, do mundo e dos outros. Revela-se como a articulação inconsciente de um mundo humano de cultura e de linguagem, como a própria estruturação das formas inconscientes da sociedade. Os objetos com os quais a criança se relaciona só vão assumir seu verdadeiro valor ao estabelecerem uma relação com o "phallus", o que ocorre no estágio do Édipo.

O "phallus" é uma significação evocada pela "metáfora paterna". Esta metáfora realiza-se por uma substituição, numa relação do significante a significante, por um significado. O significante (S) é substituído por um outro S, passando o primeiro para a ordem dos significados:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{X} \longrightarrow S \left( \frac{I}{s} \right), \text{ donde,}$$

<u>Nome-do-Pai</u>	<u>Desejo-da-Mãe</u>	→
Desejo-da-Mãe	Significado-do-Sujeito	→
→	Nome-do-Pai	$\left( \frac{A}{\text{"Phallus"}} \right)$

A criança, identificando-se com o pai, passa ao registro do

ser (ser o "phallus" todo poderoso) ao registro do ter (ter um desejo formulável num pedido), e se empenha na busca de objetos cada vez mais distanciados do objeto de seu desejo.

O acesso à ordem simbólica está simultânea e indissoluvelmente ligado a uma repressão original (Urverdrängung), já referida por Freud, que vai marcar a cisão entre o sistema inconsciente e o sistema consciente. A cadeia de significante é constitutiva da natureza do sistema inconsciente e é inaugurada pelo que Lacan se refere como simbolização (Bejahung) primária.

A linguagem é a condição do inconsciente, e este é o lugar do "Outro", é um outro discurso. É uma letra, um sistema que interage com o discurso consciente, surgindo nas lacunas do texto manifesto. É uma cadeia de significantes primários, que realizam diferentes combinações através dos processos de metonímia e metáfora. A fórmula  $\frac{S}{\bar{S}}$  exprime o inconsciente em sua composição, em termos de uma cadeia de significantes. As inscrições conscientes e inconscientes divergem, pois enquanto as primeiras compreendem as representações das coisas e das palavras correspondentes, as segundas se limitam às representações das coisas.

A simbolização (Bejahung) primária é estruturante do sujeito. A "forclusion" (Verwerfung) se opõe a esta afirmação primária. A "forclusion" (Verwerfung) do Nome-do-Pai, no lugar do Outro, consiste num acidente no registro desta inauguração, e é aqui, segundo Lacan, onde se deve buscar a falta que dá à psicose sua condição essencial junto à estrutura que a separa da neurose.

Quando ocorre a simbolização (Bejahung) primária, o indivíduo já não mais psicótico, poderá vir a ser um perverso ou um neurótico. O neurótico seria aquele que, tendo atingido o nível simbólico



eo, perdesse o sentido das articulações entre significantes; não conseguiria de modo algum dissociar idéias de construções imaginárias. Viveria num nível imaginário o registro do simbólico. A repressão (Verdrängung) responsável, no neurótico, pelo fortalecimento da barra divisória entre os sistemas inconsciente e consciente, o faz perder o valor referencial do símbolo. É importante salientar que no neurótico a experiência, objeto de repressão (Verdrängung), já foi estruturada, isto é, entrou no circuito do discurso, já tendo existido antes de ser reprimida. O neurótico introjeta o significante primordial através da simbolização (Bejahung) primária, o que implica na aceitação da Lei e na repressão da castração. A visão da ausência do pênis na mãe é, então, tomada como diferença original, causa do desejo, sendo agora este o desejo da diferença.

Reação distinta tem o perverso, em se tratando da castração. Ele a recusa (Verleugnung), havendo uma coincidência entre o objeto do desejo (phallus) e o objeto do prazer sexual. O "fetiche" será a metáfora do "phallus" materno, como objeto de desejo.

O último capítulo é uma análise do mecanismo de "forclusion" (Verwerfung), inicialmente a partir de uma perspectiva terminológica. Em seguida, conceitua-o de acordo com o artigo de Lacan, "D'une question Préliminaire à tout Traitement Possible de la Psychose"<sup>39</sup>, no qual esta noção é estudada dentro de um enfoque linguístico, e fundamentada na análise que Freud realizou do "Caso do Presidente Schreber"<sup>12</sup>. Neste modo, a "forclusion" (Verwerfung) é definida como a "rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico do indivíduo".

## CAPÍTULO I

### EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO FREUDIANO

O termo psicanálise serviu a Freud, como se sabe, para designar:

- a) uma técnica de investigação científica em Psicologia;
- b) uma técnica psicoterápica original;
- c) um conjunto de dados empíricos obtidos por meio das técnicas psicanalíticas;
- d) um sistema teórico capaz de explicar os dados psicanalíticos, compreendendo:
  - 1 - uma psicologia descritiva e provisória;
  - 2 - uma metapsicologia (com os pontos de vista topográfico, dinâmico, econômico.), que é uma verdadeira psicofisiologia, relacionada a um sistema nervoso hipotético;
  - 3 - uma teoria do desenvolvimento;
  - 4 - uma teoria pulsional;
- e) uma "psicanálise aplicada", isto é, aplicações da psicanálise a outros campos de conhecimento, fora da Medicina (ex.: Sociologia, Arte, etc.);
- f) um "movimento" ideológico: o movimento psicanalítico.

Neste trabalho, vai nos interessar a psicanálise enquanto sistema teórico, compreendendo as proposições psicológicas e metapsicológicas.<sup>3</sup>

Para tanto, sentimos a necessidade de, resumidamente, rever os conceitos psicanalíticos fundamentais em sua evolução, baseando-nos no artigo de Freud, "Sistemática"<sup>5</sup>. Posteriormente, deter-nos-emos nos constructos mais diretamente relacionados com a "forclu -

sion" (Verwerfung), lacaniana.

1.1. A Psicanálise enquanto técnica terapêutica e de investigação.

Numa primeira etapa histórica, Freud preocupou-se em estudar o comportamento patológico, visando compreender seus clientes para curá-los. Numa segunda etapa, como diz Hesnard:

"au cours de l'extraordinaire diffusion de ses idées à travers le monde moderne le but est resté, indépendamment de l'idée thérapeutique, la compréhension du monde morbide, avec, comme corollaire, la construction d'une psychologie normale capable de rendre compte de l'étrange et absurde productivité recelée par la maladie... aujourd'hui la psychanalyse est la discipline qui permet de comprendre le monde subjectif (esquissé chez le normal, caricatural chez le malade) monde du Fantasma et du Symbole, qui en font une réalité intérieure (par opposition à la réalité matérielle). L'objet de la recherche psychanalytique est devenu l'objet de la psychologie... (p. 46)."28

Na primeira etapa da psicanálise, vemos que Freud e Breuer concluíram, em suas publicações em conjunto sobre a histeria (1893, 1895), que os sintomas histéricos têm um sentido e uma significação, sendo substitutos de atos psíquicos normais. O descobrimento deste sentido incógnito coincide com a supressão dos sintomas. Nestas hipóteses, em primeiro lugar, aparece o fator afetivo - a gênese dos sintomas histéricos devia-se ao fato de um processo psíquico carregado de intenso afeto ter sua descarga impedida pela via normal que conduz à consciência e à motilidade. Por conta disso, o afeto, assim suprimido, tomava caminhos indevidos, achando uma derivação na inervação somática (conversão). A histeria era, então, tratada por "catarse". Por este método, procurava-se trazer as "reminiscências" à consciência,

o que liberava o histérico do seu "trauma" e o possibilitava a descarregar adequadamente o afeto. A hipótese da existência de processos psíquicos inconscientes já era parte imprescindível da teoria.

Após a cisão com Breuer, que não concordava com a opinião de Freud, de que "uma representação torna-se patógena quando seu conteúdo repugna as tendências da vida anímica, provocando, assim, a defesa do indivíduo", a psicanálise tomou novos rumos, quer em técnica, quer no conhecimento clínico das neuroses.

### 1.1.1. A Associação Livre-

Em termos de técnica, houve uma série de evoluções, finalizando na "associação livre" que se firmou pela crença de Freud na determinação estrita do psiquismo. Através deste procedimento terapêutico, a partir de então denominado "psicanálise", o paciente renunciava a toda crítica, e o material obtido desta forma levava ao descobrimento das "reminiscências". A psicanálise assim estabelecida era, antes de tudo, uma arte de interpretação que visava aprofundar o primeiro dos grandes descobrimentos de Breuer, ou seja, o de que os sintomas neuróticos eram uma substituição plena de sentido de outros atos psíquicos omitidos. Em termos práticos, utilizava-se o material que levava às ocorrências do paciente, concebendo-se este material como apontando um sentido oculto e adivinhando tal sentido.

A maneira mais adequada do analista proceder seria abandonar-se à sua própria atividade mental inconsciente, conservando-se num estado de atenção constante e procurando evitar toda formulação de hipóteses conscientes, sem querer fixar sua memória em algo específico. Deste modo, apreenderia com o seu próprio inconsciente o in

consciente do analisando.

Inicialmente, a "interpretação" foi considerada por Freud uma arte, e, depois da teoria já estruturada, continuou com o mesmo pensamento, ressaltando que então "trabalhava com mais segurança e melhor compreensão de seus limites".

### 1.1.2. A Interpretação dos Atos Falhos.

Para a "arte de interpretação" da psicanálise, foi um triunfo conseguir demonstrar que certos atos psíquicos, observados frequentemente nos homens normais, podem ser comparados com os sintomas dos neuróticos. Trata-se de atos para os quais ainda não se havia encontrado nenhuma explicação psicológica, ou seja, o esquecimento de palavras e nomes bastante conhecidos, os erros frequentemente cometidos na leitura e escrita, os acidentes aparentemente causuais, certos tics, etc. Igualmente com o sintoma, as suas causas são ignoradas pelo sujeito.

Neste estágio de desenvolvimento da psicanálise, esses atos foram considerados como rigorosamente determinados e reconhecidos como manifestações de intencões inconscientes.

Esta descoberta estendeu a aplicação do "determinismo psíquico", resultando daí uma aproximação entre o fato psíquico normal e o fato psíquico patológico. Por outro lado, é confirmada mais uma vez a hipótese da existência de atos psíquicos inconscientes.

A partir de então, a interpretação dos atos falhos passa a ser utilizada no tratamento psicanalítico como um dos meios de se atingir o inconsciente.

### 1.1.3. A Interpretação dos Sonhos.

A aplicação da técnica de associação livre aos sonhos abriu uma nova perspectiva, em termos de compreensão dos mecanismos da vida psíquica inconsciente. A elaboração onírica "condensa" as "idéias latentes", deformando-as por meio de "deslocamento" de catexe, e as expõe para sua representação em imagens visuais. A força motriz da produção dos sonhos não é decorrente das "idéias latentes" ou dos "restos diurnos", mas de uma tendência inconsciente reprimida durante o dia, a que se associará os "restos diurnos", e que busca com o material das "idéias latentes" e "cumprimento de um desejo". A singularidade e o absurdo do sonho manifesto é, por um lado, consequência das idéias do sonho serem expressos em uma forma arcaica, e, por outro, devido a uma instância restritiva atuante mesmo durante o repouso. Esta censura, responsável pela deformação que converte as idéias latentes no sonho manifesto, é a expressão das mesmas forças psíquicas que durante o dia haviam reprimido a "pulsão optativa" inconsciente. O trabalho analítico demonstrou posteriormente que o dinamismo da produção onírica é o mesmo que atua na produção de sintomas. Há sempre a luta entre duas tendências: uma, inconsciente reprimida que tenta obter satisfação - cumprimento de desejo - e outra, repulsiva e repressora, pertencente, provavelmente, ao ego. Como resultado do conflito, surge um produto transacional - o sonho, o sintoma - no qual se encontra, de ambas as tendências, uma expressão incompleta. A importância teórica desta coincidência é evidente. Como o sonho não é um fenômeno patológico, tal identificação veio provar que os mecanismos psíquicos geradores dos sintomas patológicos já se acham na vida psíquica normal. A mesma normatividade abarca o normal e o anormal, e os re -

sultados da investigação com neuróticos não podem, portanto, ser diferentes para a psique normal.

#### 1.1.4. A Investigação Etiológica. Sexualidade Infantil.

Uma outra novidade surgida com a associação onírica foi de natureza clínica, com o reconhecimento, na raiz de toda produção de sintomas, de que existiam impressões traumáticas procedentes das primeiras manifestações da vida sexual. O trauma sexual substituiu o trauma banal, podendo este último ter uma significação etiológica - quando relacionado simbólica ou associativamente com o precedente.

A investigação etiológica levou a psicanálise a ocupar-se da sexualidade infantil, tema até então jamais abordado. A ampliação do conceito de sexualidade possibilitou uma compreensão unitária da vida sexual normal e perversa. A libido (manifestação dinâmica na vida psíquica da pulsão sexual) compõe-se de pulsões parciais que, no curso da evolução do indivíduo, vão se tornando cada vez mais sintetizadas e integradas. Assim diferenciam-se as diversas etapas (oral, anal, fálica) até à genitalidade, quando ocorre uma síntese das diferentes pulsões agora orientadas para o objeto externo.

O complexo de Édipo surge como ponto principal na estruturação definitiva da vida erótica, possibilitando com a sua resolução a escolha do objeto adequado. O homem normal aprende a vencer o complexo de Édipo, enquanto que o neurótico a ele permanece vinculado. No período de latência, são estabelecidas as regras éticas como dispositivos protetores contra as pulsões optativas deste complexo.

Freud divide a vida sexual do ser humano em duas etapas. A segunda destas etapas vai corresponder à puberdade (após a latência),

quando o complexo de Édipo experimenta uma revivescência no inconsciente e caminha até suas transformações ulteriores. Mas, tanto a direção desta evolução como todas as disposições a ela inerentes, já estão determinadas na primeira etapa da sexualidade. Constata o autor que esta evolução dual da sexualidade - interrompida pelo período de latência - parece ser uma peculiaridade biológica da espécie humana, e conter a condição da gênese das neuroses. As neuroses seriam a expressão de conflitos entre o ego e as tendências sexuais que o mesmo achasse incompatíveis com sua integridade ou com suas exigências éticas. O ego reprime então tais tendências, retirando delas a sua catexe e não permitindo o acesso das mesmas à consciência e à descarga motora condizente com a satisfação. Quando, no trabalho analítico, procura-se tornar conscientes essas tendências, surgem forças repressoras sob forma de "resistência". Falhando a repressão, poderá surgir o sintoma que, em realidade, é uma satisfação sexual substitutiva. Este sofre influências das forças repressoras do ego, submetendo-se igualmente ao sonho, a modificações e deslocamentos, e tornando-se então irreconhecível o seu caráter de gratificação sexual. O sintoma surge, assim, como um produto transacional entre as pulsões sexuais reprimidas e as forças repressoras do ego, representando um cumprimento do desejo incompleto. Isto ocorre sobretudo com a histeria, enquanto na neurose obsessiva a parte da instância repressora obtém uma expressão mais intensa, por meio da formação de produtos de reação. A serviço da "resistência", surge no procedimento analítico o fenômeno da "transferência", que desempenha um importante papel no processo de cura.

Em termos de progressos ulteriores, encontramos a aplicação da teoria da libido ao ego repressor, quando este passa a ser visto



como um depósito de libido (narcisista) do qual partiriam as catexes de libido objetal, e ao qual poderiam as mesmas retornar. Com a ajuda desta formulação, Freud chegou à análise do ego, e a distinguir clinicamente, dentro das psiconeuroses, as neuroses de transferência e as afecções narcisistas. Nas primeiras (histeria e neurose obsessiva), há disponível uma certa quantidade de libido capaz de transferir-se para outros objetos, e que é utilizada na prática do tratamento analítico. As perturbações narcisistas (demência precoce, paranóia e melancolia) caracterizar-se-iam, ao contrário, pela retração da libido objetal.

A técnica evoluiu, definindo como primeira tarefa de analista ajudar o analisando a descobrir e dominar as "resistências" emergentes durante o tratamento, das quais, a princípio, não tinha consciência. O aspecto fundamental do trabalho terapêutico consistiria, então, na superação dessas resistências, sem o que seria impossível obter-se uma modificação psíquica duradora do paciente.

Desta maneira, a psicanálise evoluiu, a partir de um método de investigação e tratamento, acumulando dados empíricos, até se impor como um sistema teórico internamente consistente. Os pilares mestres deste sistema teórico, de acordo com seu autor, seriam:

- a) a hipótese da existência de processos psíquicos inconscientes;
- b) o reconhecimento da teoria da resistência;
- c) o reconhecimento da teoria da repressão;
- d) a valoração da sexualidade;
- e) a valoração do complexo de Édipo.

Ainda segundo Freud, não deve ser considerada como psicanálise nenhuma construção que não leve em conta estes princípios.

## 1.2. Alguns Aspectos Metapsicológicos: Ponto de Vista Topográfico.

Para compreensão da "forclusion" (Verwerfung), é necessário que nos detenhamos em alguns aspectos da metapsicologia freudiana, isto é, no que se refere à evolução do ponto de vista topográfico. Como se sabe, este estuda:

- a) a concepção de um aparelho psíquico (funcionalmente delimitável no sistema nervoso);
- b) a estrutura deste aparelho, isto é, a rede de facilidades e inibições que governam o fluxo de catexes, desde a sua entrada (proveniente do soma) até a descarga (motora ou visceral);
- c) a subdivisão da área do aparelho psíquico em regiões ou sistemas, de acordo com vários critérios: funcionalistas, acessibilidade à consciência, obediência a processos primários ou secundários.

Neste trabalho, deter-nos-emos na análise do desenvolvimento dos critérios utilizados por Freud, ao subdividir a área do aparelho psíquico em regiões ou sistemas.

Freud preocupava-se com a distinção entre processos psíquicos primários e processos psíquicos secundários. Por isto, elaborou, no decorrer de sua teoria, vários critérios de classificação, sob a forma de sistemas paralelos que, coincidindo com aqueles processos, os pudesse explicar.

### 1.2.1. Critério Funcionalista. Adaptação e Desenvolvimento.

Inicialmente, adotou um critério de caráter funcionalista. Em 1895, no seu "Projeto de uma Psicologia para Neurólogos"<sup>5</sup>, Freud procura diferenciar "funcionalmente o processo psíquico primário do processo psíquico secundário", utilizando a noção de "adaptabilidade". Ocorreria processo secundário quando o indivíduo, levando em conta o princípio da realidade, efetuasse a conduta adequada (adaptada) para a satisfação de sua necessidade. Nas palavras de Freud,

"Si el yo se encuentra en estado de tensión desiderativa en el momento en que surge tal signo de realidad, hará que la descarga se dirija en el sentido de la acción específica. Si el signo de realidad coincide con un aumento del displacer,  $\Psi$  producirá una defensa de magnitud normal, merced a una catexis colateral adecuadamente grande y situada en el lugar indicado. Si no ocurre ninguna de estas dos circunstancias (es decir, si no existe un estado desiderativo ni un aumento del displacer en el momento en que se recibe un signo de realidad), la catexis podrá desarrollarse sin impedimento alguno y de acuerdo con las condiciones en que se encuentren las facilitaciones. La catexis desiderativa, llevada hasta el punto de la alucinación, y el desencadenamiento total de displacer, que implica un despliegue completo de la defensa, los consideramos como procesos psíquicos primarios. En cambio, aquellos procesos que sólo son possibilitados por una buena catexis del yo y que representan versiones atenuadas de dichos procesos primarios, los denominamos procesos psíquicos secundarios. Se advertirá que la precondición ineludible de estos últimos es una correcta utilización de los signos de realidad, que a su vez sólo es posible si existe una inhibición por parte del yo." (p. 917)<sup>5</sup>

Ainda dentro desta visão funcionalista, Freud, na sua "Interpretação dos Sonhos"<sup>10</sup>, enfatiza as etapas de desenvolvimento, fazendo coincidir o processo psíquico primário com uma fase arcaica, e o processo secundário com uma fase mais recente da evolução mental. Neste texto, refere-se a um primitivo aparato psíquico cuja função era regulada pela tendência a evitar um acúmulo de excitação e a manter-se livre da mesma. Um aumento de excitação é sentido co

mo desprazer, e ativa o aparato para a sua diminuição. Esta corrente, que parte do desprazer e tende para o prazer, é o que Freud, nesse texto, denomina de desejo, e somente um desejo é susceptível de movimentar o aparato, sendo a derivação da excitação regulada automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer. O primeiro desejo é, provavelmente, satisfeito alucinatoriamente. Como a alucinação do objeto não é capaz de satisfazer a necessidade, torna-se necessária uma segunda atividade capaz de deter a alucinação e buscar a percepção real do objeto.

Ampliando esta perspectiva funcional, e se preocupando cada vez mais com o aspecto de desenvolvimento para distinguir etapas superpostas temporalmente, Freud conclui ainda, na "Interpretação dos Sonhos"<sup>10</sup>, que não denomina de processo primário um dos processos psíquicos que se desenvolvem no aparato anímico, atendendo apenas à sua maior importância e mais ampla capacidade funcional, mas, sobretudo, por circunstâncias temporais. Nas palavras de Freud:

"No sabemos que exista ningún aparato psíquico cuyo único proceso sea el primario. Por lo tanto, el su poner su existencia es una pura ficción teórica. Pero lo que si constituye un echo es que los procesos primarios se hallarán dados en él desde un principio, mientras que los secundarios van desarrollándose paulatinamente en el curso de la existencia, coartando y sometiendo a los primarios, hasta alcanzar su completo dominio sobre ellos, quizá en el punto culminante de la vida."<sup>10</sup> (p.581)

A hipótese do processo psíquico secundário surgir numa etapa posterior ao desenvolvimento, leva Freud a afirmar que "o nóculo do nosso ser" permanece constituído por impulsos optativos inconscientes e incoercíveis. Impulsos estes inapreensíveis pelo pré-consciente, cuja missão fica limitada a indicar aos mesmos caminhos mais adequados. Estes desejos inconscientes representam, para todas as

aspirações anímicas posteriores (em termos de processos secundários), uma coerção a que têm que se submeter, podendo, entretanto, ser derivados e encaminhados para fins mais elevados. Um grande setor do material mnêmico procedente das primeiras etapas da infância permanece, contudo, inacessível à do pré-consciente, e contrária às representações finais do pensamento secundário. Neste ponto, Freud começa a desenvolver a noção de repressão (Verdrängung).

"La realización de estos deseos no provocaría ya un afecto displacente, y precisamente esta transformación de los afectos constituye la esencia de aquello que denominamos represión y en lo que vemos el grado preliminar infantil de la condenación (de la repulsa por el juicio).<sup>10</sup> (p. 581)

Neste texto, analisa superficialmente o mecanismo repressão (Verdrängung), através do exame da transformação sofrida pelas pulsões optativas - os caminhos e as forças que as determinam. Esta transformação, como já vimos, está ligada à atividade do sistema secundário. A associação de afetos provocada pelo desejo inconsciente remete a um "acervo de representações" que, por conta do princípio de desprazer, jamais teve acesso à consciência. Quando um desejo inconsciente reprimido tenta exteriorizar-se, mesmo lhe tendo sido subtraída a catexe pré-consciente, surge uma luta defensiva na qual o pré-consciente reforça a oposição contra o mesmo (contra-catexe). Consequentemente, as idéias relativas ao desejo inconsciente poderão surgir como uma formação de compromisso (os sintomas, por exemplo). Mas, conclui Freud, ainda na "Interpretação dos Sonhos"<sup>10</sup>, a partir do momento em que os representantes ideativos da pulsão sofrem uma repressão, sendo, portanto, abandonados pela catexe do pré-consciente, sucumbem ao processo psíquico primário. Torna-se ent-<sup>N</sup>ão claro que, nessa época, Freud supunha pertencer ao processo psíquico primário todo mate -

rial reprimido.

Esta formulação do conceito de repressão e de reprimido vai ser modificada em sua segunda concepção topográfica do aparelho psíquico.

### 1.2.2. Critério de Acessibilidade.

Em 1915, Freud, em seu artigo sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, vai abandonar a perspectiva funcionalista que abarcava as duas posições anteriores e desenvolver o critério de acessibilidade à consciência. Distingue, então, processos psíquicos conscientes (atualmente conscientes) de processos psíquicos inconscientes (inconsciente descritivo; qualidade psíquica). Em termos de sistema, estabelece uma diferença entre processos psíquicos potencialmente conscientes (Pcs) e processos psíquicos não acessíveis à consciência (Ics.).

Sobre os processos inconscientes inacessíveis à consciência, afirmou que os mesmos estão organizados (interconectados) em um sistema (inconsciente sistemático), que é uma das regiões em que pode ser dividido o aparelho psíquico ao lado dos sistemas Cs. e Pcs., e que, tanto quanto os processos pré-conscientes e conscientes, aqueles são capazes de causar conduta (inconsciente dinâmico).

"... pasará a la segunda fase y a pertenecer al segundo sistema, ou sea, al que hemos convenido en llamar sistema Cc. Sin embargo, su relación con la conciencia no quedará fijamente determinada por tal pertenencia. No es todavía consciente, pero sí capaz de conciencia... Quiere esto decir que bajo determinadas condiciones puede llegar a ser, sin que a ello se oponga resistencia especial, objeto de la conciencia."<sup>14</sup> (p. 1066)

Reconhece ser o nódulo do sistema inconsciente formado de representantes pulsionais que aspiram a derivar sua catexe (impulsos

optativos). Este sistema apresenta como características básicas:

- a) falta de contradição entre os elementos que o compõem;
- b) processo primário (mobilidade das catexes);
- c) independência do tempo;
- d) substituição da realidade externa pela interna.

Com a hipótese de um aparelho psíquico dividido em sistemas (Ics., Pcs., Cs.), torna-se necessário levar-se em conta a topografia estabelecida, o que implica em indicar dentro de que sistema, ou entre que sistemas, se desenvolve um determinado ato psíquico. Isto cria uma dificuldade, que Freud procura superar através de diferentes formulações. Inicialmente, pressupõe a existência de diversas inscrições, ou seja, a fase consciente de uma representação seria da da com a inscrição desta mesma representação, "num outro lugar". Esta hipótese é logo abandonada e substituída pela idéia de uma mudança de estado meramente funcional. Esta formulação é então considerada pelo autor como mais verossímil do que a primeira, mas bem menos plástica e manejável.

A primeira hipótese explica simultaneamente a divisão topográfica dos sistemas, e a possibilidade de uma representação existir ao mesmo tempo em dois lugares do aparato anímico, abrangendo ainda a possibilidade do representante passar regularmente de um sistema a outro, sem perder sua primitiva inscrição.

Todo o conhecimento que até então Freud tinha do sistema Ics. advinha do estudo da vida onírica e das psiconeuroses de transferência, o que, como vemos, deixava aspectos obscuros e confusos. Com a análise das psiconeuroses ditas narcisistas, surgiram dados capazes de elucidar diversos pontos e, conseqüentemente, obter uma melhor compreensão do referido sistema.

O estudo da esquizofrenia, em termos psicanalíticos, iniciou-se pela caracterização desta afecção, relacionando-a com a antítese do ego e do objeto. Após o processo repressivo, a libido subtraída dirige-se para o ego, ficando suprimida a catexa de objeto e se reconstituindo um primitivo estado narcisista. Esta hipótese é confirmada por inúmeros dados clínicos desta enfermidade. Por outro lado, ocorre com o esquizofrênico um fenômeno singular, no que se refere às relações entre os sistemas psíquicos, ou seja, os elementos que nas psiconeuroses de transferência só são atingidos através da psicanálise, são conscientemente exteriorizados.

Com a observação das modificações que aparecem na linguagem do esquizofrênico, Freud estabeleceu uma conexão inteligível entre a relação do ego com o objeto e as relações da consciência. Entre as transformações observáveis, salienta o fato da expressão verbal ser objeto de um cuidado todo especial, a desorganização sofrida pelas frases em sua estrutura, o que as torna ininteligíveis, e alusões a órgãos somáticos ou suas inervações, daí a denominação de "linguagem dos órgãos". Enfatiza, ainda, que os sintomas da esquizofrenia, aparentemente semelhantes às formações substitutivas históricas ou da neurose obsessiva, apresentam aspectos bastante singulares no que se refere à relação entre a substituição e o reprimido.

Após a utilização de uma linguagem ininteligível, o enfermo poderá se expressar de forma perfeitamente compreensível e capaz de esclarecer a gênese e a significação da formação verbal esquizofrênica.

Observações sobre o que foi denominado "linguagem hipocondríaca" ou dos "órgãos" levou Freud a concluir que, na esquizofrenia, as palavras ficam submetidas ao processo psíquico primário - sofren-



do condensações e transferindo catexes por deslocamentos. Este processo pode chegar ao ponto de concentrar numa só palavra uma série de idéias.

Há um predomínio da relação do verbo sobre a do objeto, o que é responsável pela singularidade da formação substitutiva e do sintoma esquizofrênico, a que já nos referimos. Substituições são feitas por semelhança de expressões verbais, e não por analogia entre "as coisas que se quer expressar". Deste modo, na formação substitutiva esquizofrênica não há coincidência entre a palavra e o objeto, como nas psiconeuroses de transferência.

Estas conclusões levam Freud a modificar a hipótese inicial de que na esquizofrenia há uma interrupção na catexe de objeto, e a reconhecer que a catexe das representações verbais dos objetos continua sendo mantida. Esta formulação leva-o a admitir que a representação consciente do objeto consta de dois elementos: a representação do verbo e a representação do objeto. Esta última consistindo na catexe de impressões mnêmicas derivadas das primeiras, e não de impressões mnêmicas objetivas diretas.

Desta maneira, resolve o impasse criado com a adoção do critério de acessibilidade, para diferenciar uma representação consciente de uma representação inconsciente. Estas não são inscrições distintas de um mesmo conteúdo em diferentes localizações psíquicas, nem tampouco diversos estados funcionais da catexe - a representação consciente integra a representação do objeto mais a representação do verbo correspondente, enquanto que a inconsciente é tão somente a representação do objeto. O sistema Ics., portanto, contém as catexes das representações de objeto - as primeiras e verdadeiras catexes de objeto. O sistema Pcs. surge em consequência da conexão que a repre -

sentação do objeto estabelece com as representações da palavra a ela correspondentes. A junção destas catexes (de objeto e do verbo) estabelecem uma organização psíquica mais elevada, tornando possível a substituição do processo secundário, dominante no sistema Pcs.

De acordo com esta formulação, nas psiconeuroses de transfe rência a repressão (Verdrängung) não permite que as representações de objeto sejam traduzidas em palavras. A catexe permanece ligada ao objeto, e a representação ou ato psíquico não traduzido fica, então, reprimido no sistema inconsciente.

No caso do esquizofrênico, fica subtraída a catexe do objeto, ou seja, daqueles elementos que permanecem in conscientes, enquanto que as representações verbais a eles correspondentes sofrem uma in intensificação de catexe. Isto ocorre porque o esquizofrênico, na sua tentativa de recobrar os objetos perdidos, dirige-se às palavras no lugar dos mesmos. O esquizofrênico maneja o abstrato como se este fosse concreto.

Em síntese, o estudo da esquizofrenia, nesta fase da evolu ção da teoria psicanalítica, levou Freud a concluir que pertence ao processo secundário toda representação que possa ser traduzida em pa lavra.

### 1.2.3. Processo Psíquico Primário e Processo Psíquico Secundário.

Vimos que, em 1915, Freud, em seu artigo sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, chega a concluir que o sistema inconsciente contém os repre sentantes dos objetos, enquanto que o consciente é composto pelos re presentantes dos objetos e pelas palavras, simultaneamente. Sendo es

te último mais elaborado e racional. Até então, coincidiam as noções de ego e de id com as de consciente e inconsciente, respectivamente.

Com a elaboração de uma segunda topografia do aparelho psíquico (1920-1923), Freud destaca o fato de que o ego, enquanto instância repressora com suas operações defensivas, tem uma grande parte inconsciente. Disto resulta que o id abrange os mesmos conteúdos pertencentes ao sistema inconsciente, mas não o conjunto do psiquismo inconsciente.

O ego é, pois, constituído por partes conscientes e partes inconscientes, diferenciando-se assim do id, uma vez que o material que o compõe está ligado a representações verbais. Estas representações são restos mnêmicos, tendo sido em algum momento percepções, podendo voltar a ser conscientes como todos os restos mnêmicos.

As representações verbais desempenham um papel importantíssimo, pois é por meio delas que os processos mentais interiores se convertem em percepções.

Assim sendo, o ego composto de elementos ligados a representações verbais é uma parte diferenciada do id, por contato com a realidade externa; é um sistema regido pelo "processo psíquico secundário", o que leva Freud a dizer que:

"el yo representa lo que pudieramos llamar la razón o la reflexion".<sup>17</sup> (p. 1218).

Por outro lado, o id é um sistema regido pelo processo psíquico primário composto de catexes do objeto, onde, em oposição ao sistema egóico, não há racionalidade.

A distinção estabelecida entre os dois processos refere-se, portanto, à ligação que há dos representantes de objetos com os representantes de palavras, em se tratando do processo psíquico secundário.

Por outro lado, não há esta ligação no caso do processo psíquico primário, quando os representantes dos objetos ficam isolados dos representantes dos verbos correspondentes.

Como características desses processos, apresenta:

a - processo psíquico primário:

- 1) do ponto de vista topográfico, caracteriza o id;
- 2) do ponto de vista econômico-dinâmico: a catexe escoa-se livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra, segundo os mecanismos de deslocamento e condensação; não há contradição; não leva em conta a temporalidade; rege-se pelo princípio do prazer.

b - processo psíquico secundário:

- 1) do ponto de vista topográfico caracteriza o ego;
- 2) do ponto de vista econômico-dinâmico a catexe começa por estar ligada antes de se escoar de forma controlada; as representações são investidas de manifestações estáveis, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação.

## CAPÍTULO 2

### NEUROSE, PERVERSÃO E PSICOSE NA TEORIA PSICANALÍTICA

#### 2.1. A Organização Genital Infantil.

Um dos postulados básicos da teoria freudiana prende-se à valoração da sexualidade na etiologia da conduta humana, tanto normal como patológica. Se pensarmos em termos de aparelho psíquico, a energia que tem acesso ao "Ψ palium" é única e exclusivamente a libidinal.

A investigação etiológica das neúroses levou a psicanálise a ocupar-se da sexualidade infantil. De início, este estudo centrou-se no estabelecimento da diferença fundamental entre a vida sexual das crianças e a dos adultos. Posteriormente, o interesse se deslocou para as organizações pré-genitais da libido e para a divisão da vida sexual em duas fases, tendo Freud considerado este fato

"tan singular, como rico en consecuencias." (p. 1209)<sup>18</sup>

Fixando seu interesse na investigação sexual infantil, descobriu uma grande afinidade entre a forma final da sexualidade da criança (até os 5 anos) com a estrutura sexual definitiva do adulto.

"Con frecuencia, o regularmente, tiene ya efecto en los años infantiles una elección de objeto semejante a la que caracteriza la fase evolutiva de la puberdad, elección que se verifica orientándose todos los instintos sexuales hacia una única persona en la cual desean conseguir sus fines. Es esta la máxima aproximación posible en los años infantiles a la estructura definitiva de la vida sexual posterior a la puberdad." (p. 1209)<sup>18</sup>

Admitindo que a criança não chega a estabelecer uma síntese

perfeita das pulsões parciais sob a primazia dos genitais, considera, entretanto, que o interesse dedicado aos genitais e à atividade deste tipo adquirem, no ápice da evolução sexual infantil, uma importância predominante pouco inferior à obtida na maturidade. Como caráter diferencial entre a organização genital infantil e a organização definitiva no adulto, postula que, no caso da criança, há a primazia do "phallus" - há um só órgão genital, o masculino, para ambos os sexos. No desenvolvimento desta teoria, leva em conta apenas o menino, alegando não ter dados suficientes sobre o desenvolvimento de processos correlatos na menina.

A criança percebe precocemente as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, mas não tem oportunidade de relacionar tais fatos a uma diferença entre seus órgãos genitais, o que a leva a atribuir a todos os demais seres animados, homens e animais, órgãos genitais análogos ao seu. A criança volta o seu interesse para este órgão, e empreende investigações para satisfazer sua curiosidade acerca do mesmo. No decorrer destas investigações, chega a descobrir que o pênis não é um atributo comum a todos os seres a ele semelhantes. A visão casual dos genitais de uma mulher é o ponto de partida deste descobrimento. Diante da percepção da falta de pênis reage negando tal ausência. Nega esta percepção acreditando ver o membro e,

"salvan la contradicción entre la observación y el prejuicio pretendiendo que el órgano es todaviamy pequeño y crecerá cuando la niña vay siendo mayor."  
(p. 1210)<sup>18</sup>

No entanto, vai, pouco a pouco, chegando à conclusão, afetivamente, muito importante de que

"la niña poseia al principio un miembro análogo al suyo, del cual fué logo despojada. La carência de pene es interpretada como el resultado de una cas-

tración, surgido entonces en el niño el temor a la posibilidad de una mutilación analoga". (p. 1012)<sup>18</sup>

A criança não generaliza logo a carência de pênis a todas as mulheres, pois, partindo da hipótese de que esta falta é consequência de uma castração punitiva, somente pessoas indignas seriam despojadas de seus genitais. As mulheres respeitáveis, como a mãe, o conservariam. A feminilidade ainda não coincide com a falta do membro viril. Só mais tarde, quando vai se preocupar com o fato do nascimento, descobrindo que unicamente as mulheres podem dar à luz, deixa de atribuir à mãe um membro viril. Nesta época, elabora complicadas teorias destinadas a explicar a troca do pênis por uma criança. Mas até então o genital feminino não foi ainda descoberto - na imaginação da criança, o bebê se desenvolve nos intestinos da mãe, saindo pelo ânus. Estas últimas teorias ultrapassam a duração deste período infantil.

No decorrer da evolução, a polaridade sexual experimenta transformações importantes. A eleição de um objeto, que já pressupõe um sujeito e um objeto, introduz uma primeira antítese. No estágio da organização pré-genital sádico-anal ainda não se pode falar de masculino e feminino, prevalecendo a antítese de ativo e passivo. No estágio seguinte ao da organização genital infantil há um masculino, mas não um feminino - a antítese é então entre genital masculino e castrado. Somente na puberdade a polaridade sexual vai coincidir com masculino e feminino.

Como se vê, os fenômenos que emergem da infância são partes de um curso ordenado de desenvolvimento, experimentando um processo regular de incremento para alcançar o seu ponto culminante no quinto ano de vida, após o qual se segue um período de latência. Durante este período, os progressos ficam em suspenso, muitas coisas

não são aprendidas e outras retrocedem. Segue-se à latência a puberdade, quando a vida sexual reaparece -

"... tiene lugar una segunda floracion, y aquí tropezamos con el hecho de que la puesta en marcha de la vida sexual es difásica, es decir, sucede en duas oleadas. Es algo solamente conocido en el hombre y que tiene una importante relación con la hominización". (p. 1018)<sup>25</sup>

Os acontecimentos desta vida sexual precoce, com exceção de uns poucos resíduos, são vítimas de "amnésia infantil". A perspectiva freudiana sobre a etiologia das neuroses derivou-se da constatação de um desenvolvimento dual na vida sexual do ser humano.

## 2.2 O Mecanismo de Repressão (Verdrängung) e as Neuroses.

"As neuroses seriam afecções psicógenas em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico, que tem suas raízes na história infantil do indivíduo e constitui um compromisso entre o desejo e a defesa",

como definem Laplanche y Pontalis em seu Vocabulário de Psicanálise.<sup>45</sup>

Em 1894, 1896<sup>7</sup>, Freud parece ter encontrado na cultura psiquiátrica alemã uma distinção relativamente segura, do ponto de vista clínico, entre a neurose e a psicose. A sua preocupação principal não é distinguir a neurose da psicose, mas evidenciar um mecanismo psicógeno em toda uma série de afecções. Nesta perspectiva<sup>7,9</sup>, diferencia as neuroses atuais cuja etiologia se prende a um disfuncionamento somático da sexualidade, das psiconeuroses de defesa (histeria, fobia, obsessão, certas psicoses), quando um conflito psíquico é o determinante das mesmas. Nas psiconeuroses de defesa é evidenciado o papel, descoberto na histeria, do conflito defensivo.



O termo psicose não é sinônimo de neurose, pois, por um lado, não abrange as neuroses atuais e, por outro, engloba as neuroses narcisistas a que Freud chamará igualmente de psicose.

Uma vez adquirida a idéia de que a defesa é "o ponto nuclear do mecanismo psíquico dessas neuroses", a denominação "psicose de defesa" se justifica por seu valor heurístico. A defesa, de um modo geral, incide na excitação interna (pulsão) e, de preferência, numa das representações a que ela está ligada (recordações e fantasmas), numa situação capaz de pôr em perigo o equilíbrio psíquico, desagradável, portanto, para o ego. Os afetos desagradáveis, motivos ou sinais de defesa, podem também ser objeto desta defesa. O processo defensivo especifica-se em mecanismos mais ou menos integrados no ego. Sejam quais forem as diversas modalidades do processo defensivo, os dois polos de conflito são sempre o ego e a pulsão.

No estudo da histeria, Freud evidenciou como mecanismo básico, servindo de defesa, a repressão (*Verdrängung*), mostrando toda a complexidade que existe entre a defesa e o ego. O esclarecimento da etiologia psíquica da histeria foi, como sabemos, paralelo às principais descobertas da psicanálise (inconsciente, fantasia, conflito defensivo, repressão, identificação, transferência, etc.).

Assinala Freud que "a teoria da repressão é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise". Considera este mecanismo como a operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. A repressão (*Verdrängung*) ocorre quando a satisfação de uma pulsão susceptível de, por si só, provocar prazer, ameaçaria provocar desprazer por conta de outras exigências. Este é o sentido próprio da repressão (*Verdrängung*) que, em alguns artigos, foi

utilizada numa acepção próxima à da noção genérica de defesa. Assim, encontramos em Freud a seguinte passagem:

"En breve estudio, publicado en 1894, hube de reunir bajo el nombre de neuropsicosis de defensa, la historia, las representaciones obsesivas y algunos sintomas de todas estas afecciones son un producto del mecanismo psiquico da defensa (inconsciente), surgiendo por lo tanto, a consecuencia de la tentativa de reprimir una representación intolerável, p<sub>e</sub> nosamente opuesta al yo del enfermo" (p.220)<sup>9</sup>

Nesse trecho, mesmo a "confusão alucinatória" é tida como produto de um mecanismo psíquico de defesa, sendo todas as possibilidades reduzidas à repressão (Verdrängung). Num artigo de sua metapsicologia sobre o assunto<sup>15</sup>, precisa a noção de repressão (Verdrängung), colocando "sua essência no fato de afastar e manter afastado da consciência". Especifica 3 momentos<sup>12</sup>:

- 1 - repressão originária - que não incide na pulsão enquanto tal, mas nos seus sinais, nos seus representantes que não têm acesso à consciência, e em que a pulsão se encontra fixada. Desta maneira, estabelece-se um primeiro núcleo inconsciente, funcionando como polo de atração para os elementos a reprimir;
- 2 - a repressão propriamente dita ou repressão posterior é um processo duplo, aliando a atração à repulsa (Abstossung) por parte de uma instância superior;
- 3 - o terceiro momento, correspondente ao retorno do reprimido sob a forma de sintomas, sonhos, atos falhos, etc.

Dentro deste esquema, constatamos que a repressão em termos originários é que vai possibilitar a cisão consciente, inconsciente, sendo desta maneira um processo comum a todos os seres humanos. É condição "sine qua non" da normalidade, possibilitando a discriminação figura e fundo. Por outro lado, a repressão propriamente dita con-

siste em tornar inconsciente uma representação indesejável, implicando em duas forças: repulsa por uma instância superior e atração pelo núcleo inconsciente já constituído. Assim, poderíamos dizer que o ego, em obediência à realidade, reprime uma tendência instintiva. Entretanto, há um terceiro momento, que é a tentativa do retorno do reprimido. Na conjugação desses dois últimos momentos, estaríamos diante da psicose. Em virtude da rebelião do id, fracassa a repressão (Verdrängung) - há o retorno do reprimido, sendo o desejo parcialmente satisfeito. Como diz Freud,

"Según todos los resultados de nuestras analisis, las neurosis de transferencia nacen a consecuencia de la negativa del yo a acoger una poderosa tendencia instintiva dominante en el ello y procurar su descarga motora y a dar por bueno el objeto hacia el cual aparece orientada tal tendencia. El yo se defiende entonces de la misma por medio del mecanismo de la repression, pero lo reprimido se rebela contra este destino y se procura, por caminos sobre los cuales no ejerce el yo poder alguno, una satisfacción substitutiva - el sintoma - que se impone al yo como una transacción; el yo encuentra alterada y amenazada su unidad por tal intrusión y antes contra la tendencia instintiva reprimida y de todo esto resulta el cuadro patológico de la neurosis." (p. 406)<sup>19</sup>

Em consequência da reação contra a repressão (Verdrängung) e o fracasso da mesma, surge com a neurose um relachamento da relação com a realidade. O neurótico vai evitar parte da realidade; ele ignora ou evita a realidade frustradora, acrescentando à mesma fantasias agradáveis.

Num artigo sobre as "Neuropsicoses de Defesa"<sup>7</sup>, Freud vai falar da repressão (Verdrängung) para designar o destino das representações eliminadas do consciente, constituindo um núcleo psíquico separado, processo que ocorre tanto na neurose obsessiva como na histeria. Em ambos os casos, há a substituição da realidade, mas esta

não é recusada nem negada, apenas lhe são acrescentadas fantasias agradáveis. A neurose é, portanto, o resultado de um conflito entre o ego e o id, quando aquele, em obediência à realidade, reprime uma tendência instintiva. E, por uma rebelião do id, fracassa a repressão (*Verdrängung*), há o retorno do reprimido e o desejo é parcialmente satisfeito.

### 2.3. O Mecanismo de Recusa (*Verleugnung*) nas Psicoses e Perversões.

No grupo das psicoses, a psicanálise procurou definir diversas estruturas: paranóia (onde inclui, de modo bastante amplo, as afecções delirantes) e esquizofrenia por um lado, e, por outro, melancolia e mania. Limitar-nos-emos, neste trabalho, ao primeiro grupo (paranóia e esquizofrenia).

A psicose seria o resultado de um conflito (ego mais id) vs (realidade). Esta perturbação do ego com o mundo externo foi constatada por Freud no estudo da amênia de Meynert, quando a percepção da realidade externa cessa por completo ou fica totalmente ineficaz. De acordo com Freud:

"el yo se procura independientemente un nuevo mundo exterior y interior y surgen dos hechos indubitables: que este nuevo mundo es constituido de acuerdo con las tendencias optativas del éllo y que la causa de esta disociación del mundo exterior es una privación impuesta por la realidad y considerada intolerable". (p. 407)<sup>19</sup>

Podemos, pois, distinguir na psicose, igualmente como na neurose, dois momentos, só que na primeira:

1. o ego, em obediência ao id, recusa a realidade externa;
2. a fim de restituir a realidade perdida, ainda em obedi-

ência ao id, o ego procura remodelar esta realidade alucinatoriamente. O desejo, neste caso, é também parcialmente satisfeito, porque, ao lado das alucinações obedientes ao id, vão surgir outras provocadas pela tentativa de retorno da realidade rejeitada.

No final do artigo sobre "Neuroses e Psicoses"<sup>19</sup>, interroga-se Freud se o processo pelo qual o ego se distancia do mundo exterior seria um mecanismo análogo à repressão (Verdrängung). Em "A Perda da Realidade nas Neuroses e Psicoses"<sup>20</sup>, constata que na neurose se evita, como se estivesse fugindo dela, um pedaço da realidade, enquanto que na psicose esta é elaborada e transformada. O neurótico não recusa a realidade, limitando-se a ignorá-la, enquanto o psicótico a nega e tenta substituí-la. A discussão dos diversos mecanismos

"que han de llevar a cabo en la psicosis el apartamiento de la realidad y la construcción de otra distinta, constituye una labor, aun intacta de la Psiquiatria Especial". (p. 413)<sup>20</sup>

constata Freud.

Estudos posteriores do referido autor vão se centrar neste mecanismo de recusa (Verleugnung) da realidade externa. Este processo ocorre frequentemente na vida psíquica da criança, o que já vimos no item sobre "organização genital infantil". Em se tratando de criança, é uma fase normal a que atravessa quando da visão dos genitais femininos. Esta fase é posteriormente elaborada, sendo a castração aceita na puberdade, ocorrendo a polaridade masculino, feminino na plenitude de sua contradição e relação dialética complementar. Entretanto, se a recusa se dá no adulto é o ponto de partida para uma psicose.

Este mecanismo de recusa (*Verleugnung*) é para Freud uma negação, pelo indivíduo, da realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência de pênis na mulher. Na medida em que este mecanismo incide na realidade exterior, Freud vê no mesmo, em correspondência com a repressão (*Verdrängung*), o primeiro momento da psicose: enquanto o neurótico começa por reprimir as exigências do id, o psicótico começa por recusar a realidade.

A recusa (*Verleugnung*) é evocada por Freud em particular pa-  
ra explicar o "fetichismo", e foi a partir de 1927<sup>24</sup> que este termo passou a ser usado num sentido relativamente específico.

O delineamento progressivo que Freud realizou do processo de recusa (*Verleugnung*) é um sinal, entre outros, de sua constante preocupação em descrever um mecanismo originário da defesa perante a realidade exterior.

Inicialmente, a recusa (*Verleugnung*) foi explicada em função de uma fase a que a criança atravessa na evolução de sua sexualidade, levando em conta apenas o menino<sup>18</sup>. Depois, a teoria foi reelaborada de forma a abranger também a criança de sexo feminino<sup>21</sup>. Em 1927, este mecanismo é descrito para explicar o fetichismo<sup>24</sup>. Na análise de casos desta perversão, Freud constatou que essas pessoas, geralmente homens, continuavam no estágio infantil, a) recusando-se a aceitar a percepção da ausência de pênis na mulher, pois isto os ameaça; b) elaborando, posteriormente, o fetiche como substituto do pênis que falta na mulher.

Embora a recusa (*Verleugnung*) seja estudada principalmente no caso do fetichismo, Freud indica explicitamente que "esse mecanismo cria um parentesco entre esta perversão e a psicose". A recusa (*Verleugnung*) oposta pela criança, pelo fetichismo, pelo psicóti

co, a essa realidade, que seria a ausência de pênis na mulher, é concebível como uma recusa (Verleugnung) a admitir a própria percepção e a fortiori inferir a respectiva consequência, quer dizer, a teoria sexual infantil da castração.

Em 1938<sup>26</sup>, Freud contrapõe dois modos de defesa: "repelir uma exigência pulsional do mundo interior" e "recusar um fragmento do mundo exterior".

Esta concepção de recusa (Verleugnung) da realidade externa como mecanismo psicótico é encontrado nos primeiros textos freudianos<sup>6</sup> sobre o assunto, quando, por exemplo, discute o mecanismo de projeção concebido na psicose paranóica "como uma verdadeira rejeição imediata para o exterior, e não como um retorno secundário do reprimido inconsciente". Neste texto, descreve a paranóia como tendo como defesa primária uma repressão exterior do mundo. No caso do paranóico, o fracasso da defesa levaria ao delírio, sendo então concebido como o retorno do reprimido.

No caso Schreber<sup>12</sup>, descreve a projeção no tempo da formação do sintoma. Esta concepção aproximaria o mecanismo da paranóia ao das neuroses. Num primeiro momento, o afeto desagradável seria reprimido no interior, no inconsciente, e transformado no seu contrário; num segundo momento, seria projetado no mundo exterior - a projeção é então considerada como a forma pela qual retorna o reprimido. Entretanto, ainda na análise do caso do Presidente Schreber<sup>12</sup>, Freud chega a concluir que não seria exato se dizer que a sensação reprimida no interior era projetada para o exterior; mas antes reconhecer que o que não foi aceito no interior volta do exterior. Esta concepção está enraizada numa bipartição originária do indivíduo e do mundo exterior. Freud constata então que apenas a projeção não é sufi-

ciente para explicar a psicose, é somente uma parte do mecanismo de defesa paranóica, não estando presente em todas as formas desta afecção.

Assim, quando da estruturação de uma segunda topografia do aparelho psíquico, a distinção entre neurose e psicose põe em jogo a posição intermediária do ego entre o id e a realidade, como já vimos. A partir de então, Freud concentra-se no mecanismo de recusa (Verleugnung) da realidade exterior. Entretanto, a psicose implica em dois momentos, sendo a recusa (Verleugnung) apenas o primeiro. Num segundo momento, o ego reconstruiria uma nova realidade, passando a coexistir no indivíduo duas correntes.

#### 2.4. O Conceito de Clivagem (Spaltung).

A clivagem (Spaltung) é uma expressão usada por Freud para designar um fenômeno muito particular que ele vê operar, sobretudo no fetichismo e nas psicoses: coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior na medida em que esta vem contrariar uma exigência pulsional. Uma tem em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar um produto do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado, sem se influenciarem reciprocamente.



### CAPÍTULO 3

#### O PENSAMENTO LACANIANO

Jacques Lacan, aceitando os postulados básicos da teoria psicanalítica, propõe uma volta a Freud, uma re-leitura de suas obras. Com esta visão, critica todos aqueles que se apoderaram da letra freudiana, tornando-a morta. Isto é particularmente visível quando se refere às noções de "resistência" e "defesa", na "Introduction au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud"<sup>33</sup>, mostrando como essas noções perderam seu verdadeiro valor nos compêndios acadêmicos.

"Le sens d'un retour à Freud, c'est un retour au sens de Freud". (p. 405)<sup>35</sup>

Toda a obra de Lacan é, pois, uma tentativa de recondução a Freud, de forçar a leitura de seus trabalhos para apreensão do sentido. Entretanto, como veremos ao abordarmos a história do movimento psicanalítico francês, ele não é considerado o representante ortodoxo da psicanálise freudiana. Segundo Palmier<sup>48</sup>, é, provavelmente, o único analista que tem levantado problemas fundamentais em relação ao objeto da psicanálise e seus fins; não se conformando em apenas questionar alguns fragmentos de teoria, ou em retocar certos conceitos. O que tem questionado é a própria essência da psicanálise, preocupando-se em fundamentá-la como ciência, confrontando-a com os resultados das outras ciências humanas. Mas, ao fazer isto, prolonga Freud, baseia-se nas novas descobertas da linguística e da antropologia estrutural.

"Si l'auteur des Ecrits se réclame d'un retour à Freud c'est qu'il a perçu chez ce dernier une orientation conforme à la sienne, à savoir, un processus irréversible d'aliénation de l'homme dans cet organe, le langage, qui le représente." (p. 195)<sup>28</sup>

Por outro lado, o "edifício teórico-conceitual" que propõe esclarece certos aspectos da teoria freudiana, como é o caso da "forclusion" (Verwerfung) - permitindo distinguir este mecanismo da repressão (Verdrängung), da recusa (Verleugnung) e da (de)negação (Verneigung), caracterizando-o como típico do fenômeno psicótico.

Neste trabalho, limitar-nos-emos a situar a posição de Lacan em relação ao pensamento freudiano e ao movimento psicanalítico francês, e nos deteremos nos aspectos de sua obra mais diretamente relacionados com o conceito de "forclusion" (Verwerfung), necessários à compreensão do mesmo.

### 3.1. Jacques Lacan. Dados Biográficos.

Jacques Lacan nasceu em 13 de abril de 1901, em Paris, onde fez seus estudos de medicina e, depois, de psiquiatria. Defendeu sua tese de doutorado em 1932, cujo tema foi "La Psychose Paranoïaque dans les rapports avec la Personnalité". Neste trabalho, ele traz uma visão sintética dos conhecimentos sobre a paranóia, à margem da perspectiva psicanalítica. Este estudo o conduziu à psiquiatria clássica, sobretudo a Kraepelin, Kretschmer e Clérambault. O próprio Lacan refere-se a Clérambault como o seu único mestre em psiquiatria, vendo nele a herança de Kraepelin. Já neste seu trabalho sobre a paranóia, há uma preocupação em torno da análise da "fantasia". O estudo deste problema e da função do "eu-ideal" é que conduziu Lacan a Freud. Em 3 de agosto de 1936, no XIVº Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Marienbad sob a presidência de Ernest Jones, entra no movimento psicanalítico apresentando um trabalho sobre "Le Stade du Miroir".

A comunicação de suas pesquisas atingiu círculos cada vez mais amplos: inicialmente, a Clínica da Faculdade no Hospital Sainte-Anne, o Seminário da VIa Secção da "Ecole des Hautes Etudes" e, em 1966, surgiu a publicação de seus trabalhos reunidos sob o título de "Ecrits".

### 3.2. O Movimento Psicanalítico Francês e a Escola Freudiana de Paris.

Descreve Hesnard<sup>28</sup> a psicanálise na França como tendo sido no início uma aventura penosa para seus primeiros adeptos, seguida de uma difusão lenta, limitada a alguns poucos médicos e intelectuais, depois estendida a psiquiatras em formação e a alguns psicólogos. Atualmente alcançou, como em quase todo o mundo, uma enorme publicidade, sendo recebida nos meios universitários e aplicada fecundamente nos mais diversos setores. Mas, como disse o próprio Freud em 1917, de todos os países europeus foi a França que se mostrou mais refrataria à psicanálise. Justifica Hesnard<sup>28</sup> este fato pela sutileza do espírito francês, com sua preocupação de clareza intelectual, verbal, e cuidado estético, bem como pelas dificuldades de tradução da obra alemã.

O interesse pela psicanálise intensificou-se na França nos anos de 1914 a 1919. A primeira obra surgida sobre o assunto foi de Hesnard e Regis, "La Psycho-analyse des Nevroses et des Psychoses" em 1913, obra a que Freud se referiu dizendo tratar-se de "uma exposição consagrada principalmente ao simbolismo, e destinada a dissipar os preconceitos contra a nova teoria". As principais obras freudianas foram então traduzidas por O. Hesnard, e publicadas numa

revista, "L'Encephale", sendo depois reunidas num livro editado por Alcan. Estas primeiras publicações terminaram por despertar a curiosidade dos médicos e dos psicopatologistas, alguns dos quais mostraram-se abertos às novas idéias, enquanto que outros evidenciaram a sua desconfiança.

Sob a influência compreensiva e oficial do Prof. H. Claude, formou-se um grupo na Clínica Sainte-Anne, em 1923, que esboçou uma futura sociedade de psicanálise. A criação desse grupo informal levantou uma primeira resistência no seio da sociedade de medicina. Mas é durante os anos após a Grande Guerra que a verdadeira difusão da psicanálise se afirma. Os resultados terapêuticos obtidos por Borel, Robin, Codet, alunos de H. Claudel, levou-o a aperfeiçoar o ensino desses novos conceitos em seu serviço.

De 1924 a 1926, o grupo inicial vai, pouco a pouco, se tornando uma verdadeira sociedade. Uma primeira tentativa de organização de um grupo oficial gerou a associação "L'Evolution Psychiatrique", que mais tarde se dissociou do movimento psicanalítico, sofrendo influência sobretudo de Minkowski. Somente em 1926 é que foi fundada a "Société Psychanalytique de Paris", cujos trabalhos a "Revue Française de Psychanalyse" se encarregou de divulgar. Seus 12 membros fundadores foram: Marie Bonaparte, Eugénie Sokolnicka, os Drs. Allendy, Borel, Codet, Hesnard, Laforgue, Loewenstein, Parcheminey, R. Pichon, aos quais se uniram os suíços Ch. Odier, R. de Saussure e Dr. Flournoy. Durante o período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, entraram como membros titulares Cenac, Schumberger, Lagache, Lacan, Pasche, Lebovici, Marty, Bouvet e Mme Lucas-Champonnière. Uma vez organizada e munida de um órgão de difusão, a "Société Psychanalytique de Paris" se mostrou cada vez mais ativa.

Em 1953, entretanto, surgiram divergências que culminaram com a aparição de uma segunda sociedade, mais aberta, por princípio, a "Société Française de Psychanalyse". Desta nova sociedade faziam parte Lagache, Lacan, Mme. Favez-Boutonier, Mme. Dolto, Berge, Hesnard, Perrier, Leclair, M. Mauco, Mme. Roberchon-Jouve, Mme. Aubry. A maioria dos trabalhos realizados por esta associação se deve a Lacan, que dirigiu as edições de uma nova revista, "Psychanalyse", cujos artigos, versando sobre os temas os mais variados, perfizeram estudos bastante importantes. Juntamente com Lagache, tornava-se Lacan na época uma das personalidades mais influentes do movimento psicanalítico francês, chegando a ter a incumbência de cursos na "Ecole des Hautes Etudes".

No auge do sucesso, desta nova escola e da produção de trabalhos, surge uma discórdia ocasionada pela influência da Sociedade Internacional de Psicanálise, que põe em dúvida a experiência e a vasta cultura de Jacques Lacan, que era, nessa época, um dos seus membros mais conhecidos. Expressa-se Hesnard sobre o fato da seguinte maneira:

"Sa condamnation par l'Internationale a produit un choc parmi les membres de la Société Française; Lacan était visé dans une période où son rayonnement scientifique n'avait jamais été si grand et ses séminaires, ses rapports et ses travaux attiraient sur lui non seulement l'attention de ses élèves mais l'intérêt très vif d'un grand public, prolongé au-delà des adeptes de la psychanalyse, dans les divers milieux culturels. Sa position psychanalytique était affirmée comme particulièrement fidèle à FREUD, dont il poursuivait les grands principes dans une orientation ethnologique." (p. 36)<sup>28</sup>

Esta discórdia, que eclode repentinamente, teve suas raízes em épocas bem mais remotas, havendo sido inspirada por um estado de espírito conservador, nos moldes da Sociedade Internacional. A

Sociedade de Paris estava impregnada de uma atmosfera dogmatizante, não somente em relação a Freud como também em relação aos membros dirigentes da Sociedade Internacional.

Em 1953, Lacan pronuncia seu célebre discurso no Congresso de Roma, mostrando ser a linguagem o essencial da "praxis" psicanalítica. Nas palavras de Hesnard:

"Cette orientation vers la linguistique et plus généralement vers la psychanalyse et la philosophie du langage faisait de Lacan non pas le successeur de Freud, mais le continuateur de son oeuvre". (p. 38)<sup>28</sup>

Mas não era este o pensamento da Sociedade Internacional, pois é justamente quando Lacan se fixa sobre o papel primordial da linguagem no inconsciente, e essas idéias começam a ter grande ressonância, que se inicia um período de mal entendidos, finalizando com a cisão da Sociedade Francesa e a Sociedade Internacional. Em consequência, a Sociedade Francesa é extinta. A maioria de seus membros forma a "Ecole Freudienne de Paris", e uma outra parte torna-se a "Association Française", filiada à Internacional (esta última está, recentemente, sob controle da Associação de Chicago).

A fundação da "Ecole Freudienne de Paris" foi, pois, uma consequência da discórdia sobrevinda entre a "Société Française de Psychanalyse" e a Sociedade Internacional. Discórdia esta que assumiu uma feição passional, pelo fato da Sociedade Internacional ter exigido a exclusão de Lacan como analista didata, sendo este um de seus membros fundadores.

Por um ato oficial de fundação, Jacques Lacan constituiu uma nova sociedade comportando três secções:

1a.: psicanálise pura - prática e doutrina da psicanálise, confundindo-se com a psicanálise didática. Esta pri

meira secção compreende 3 sub-secções (Psicanálise pu  
ra; crítica interna de sua prática como formação; con  
trole dos psicanalistas em formação);

2a.: psicanálise aplicada - compreendendo doutrina da cura;  
casuística; informação psiquiátrica e médica;

3a.: recenseamento do campo freudiano, ou seja, comentário  
do movimento psicanalítico; articulação com as ciên-  
cias vizinhas; ética da psicanálise.

Em 1968, surge a revista "Scilicet" como órgão divulgador  
do pensamento da "Ecole Freudienne de Paris".

"Scilicet: tu peux savoir, tel est le sens de ce ti  
tre. Tu peux savoir maintenant que j'ai échoué dans  
un enseignement que ne s'est adressé douze ans qu'à  
des psychanalystes, et que de leur fait, depuis qua  
tre ans, a rencontré ce à quoi, en décembre de 1967  
à l'Ecole Normale Supérieure où je parle, j'ai fait  
hommage comme au nombre. Dans l'un et l'autre de  
ces temps, j'ai échoué à rompre le mauvais charme  
qui s'exerce de l'ordre en vigueur dans les Socié -  
tés psychanalytiques existentes, sur la pratique de  
la psychanalyse et sur sa production théorique, l'u  
ne de l'autre solidaire. Cette revue est l'un des  
moyens dont j'attends de surmonter dans mon Ecole,  
qui se distingue en son principe des dites Sociétés,  
l'obstacle qui m'a résisté ailleurs." (p. 3)<sup>43</sup>

Lacan é considerado uma personalidade controvertida, dando  
margens a disputas apaixonadas e rompimentos mesmo entre seus discí-  
pulos. Assim, poucos meses depois da aparição dos Ecrits na França  
um grupo importante de membros da "Ecole Freudienne de Paris" (al-  
guns, discípulos diretos de Lacan) se afastou da referida escola, cons-  
tituindo o "Quatrième Groupe - Organisation Psychanalytique de la Lan-  
gue Française".

É interessante se notar que a maioria dos analistas france-  
ses, de estrita obediência a Lacan, ou não ortodoxos, e até seus opo-  
sitores não deixam de empregar os conceitos que o referido autor in-

trodeziu na teoria psicanalítica.

Em síntese, o que se pode constatar desse resumo do movimento psicanalítico francês é que as discórdias que separaram Freud de seus primeiros adeptos longe estão de desaparecer. A análise dessas discórdias persistentes ou renovadas, mostra claramente que certos conflitos de doutrina ou de técnica, certas divergências de elucidação e de interpretação dos fatos relatados reproduzem-se realizando uma verdadeira "compulsão à repetição". E, em quase todas essas discórdias, o diálogo é recusado, fato ainda mais gritante no "affaire" Lacan. Por outro lado, a divergência decorrente das idéias de Lacan diferencia-se das anteriores, pois, enquanto as primeiras foram motivadas por cismas doutrinárias, esta última tem como fundamento a fidelidade a Freud.

### 3.3. O Discurso Lacaniano.

O retorno às descobertas originais de Freud e o recurso à linguística, com a articulação científica do inconsciente, são considerados como a contribuição mais importante da obra lacaniana, tanto à psicanálise quanto às outras ciências humanas. Conserva Lacan a noção freudiana de inconsciente, levando, porém, em conta trabalhos de sociólogos como Lévi-Strauss e de linguistas como Ferdinand de Saussure. O inconsciente não é para ele uma realidade individual, mas uma dialética transindividual.

Alguns autores, mesmo fora da área psicanalítica, consideram a perspectiva lacaniana da maior importância, vez que, para eles, a psicanálise ficaria caracterizada como ciência autônoma, com o seu objeto próprio. A descoberta do inconsciente, por Freud, faria da



psicanálise uma ciência distinta das outras ciências humanas, e o mérito de Lacan se deveria ao fato de ter estudado esse objeto utilizando-se das mais recentes descobertas no campo do estruturalismo linguístico. Segundo Althusser<sup>1</sup>, Lacan não negaria que sem o aparecimento de uma nova ciência, a linguística, a sua tentativa de teorização teria sido impossível. Assim se faz a história das ciências, onde uma ciência apenas se pode transformar em tal pelo recurso e intermédio de outras ciências, não apenas de ciências que assistiram ao seu batismo, mas também de uma certa ciência nova que surge com atraso, que tem necessidade de tempo para nascer... Freud tinha já dito que tudo dependia da linguagem; Lacan torna-se mais preciso - o discurso do inconsciente está estruturado como uma linguagem."

Portanto, a teoria lacaniana está fundamentada nas descobertas mais recentes da antropologia estrutural e da linguística. É fiel ao pensamento freudiano, enquanto se propõe a uma re-leitura de suas obras, para apreensão do sentido das mesmas, e um continuador do mesmo, ao empregar recursos teóricos surgidos após o lançamento da psicanálise de Freud, representando para alguns autores uma reformulação metodológica das ciências humanas. Como diz Anika Rifflet-Lemaire:

"Il est certain que Freud à l'époque où il se situait ne pouvait disposer des lumières adéquates à l'expression exacte des rapports du sujet à l'objet." (p. 196)<sup>50</sup>

Ao utilizar o modelo linguístico, diferenciaria para alguns autores as ciências físico-químicas das ciências humanas. Abandona a causalidade física e se preocupa com o determinismo dialético, o que permite a compreensão da dupla inscrição - a do simbólico e a do imaginário.

A originalidade de Lacan está em ter analisado o inconsciente em termos estruturais, e em haver utilizado o modelo linguístico. Insiste sobre o fato de que os simbolismos sócio-culturais e da linguagem se impõem à criança como ordens já constituídas, anteriores a seu nascimento. A entrada da criança na ordem simbólica é realizada segundo as estruturas desta ordem: o sujeito será constituído pelo Édipo e pelas estruturas da linguagem.

A ordem simbólica da linguagem ou da organização social é uma ordem de signos interdependentes, unidos por leis precisas. O registro dos significantes, por oposição aos significados (conceitos), só se integra com este último pela mediação do conjunto dos primeiros. É assim que Lacan atribui esquematicamente o sentido que se pode dar ao algoritmo da linguística, estabelecido por Saussure:

$$\begin{array}{c} S \text{ (significante)} \\ \hline s \text{ (significado)} \end{array}$$

acentuando o valor da barra divisória ( - ). A relação do significante com o seu significado efetua-se pela mediação do conjunto dos signos da linguagem.

De acordo com esta teoria, poderíamos dizer que a presença da mediação terá um efeito constituinte para o sujeito. Este fica, assim, comprometido numa ordem simbólica, mediadora por essência, e que o distancia de sua verdade vivida, do aqui e agora.

A linguagem, neste sentido, se presta a todos os engodos possíveis sobre o próprio sujeito e sobre o vivido, podendo-se, então, prever a impetuosidade com que o inconsciente pode surgir. Na realidade, não há nenhum ponto comum entre o dito e o vivido, entre a própria essência e a manifestação da mesma no discurso falado. O sujei

to, no discurso que pronuncia sobre si-mesmo, se distancia progressivamente da verdade de sua essência. Esta concepção é tida como o fundamento da visão lacaniana das neuroses.

Em sua perspectiva estrutural, considera o inconsciente como a estrutura escondida sob a aparência de uma disposição consciente e lúcida de si. E, ainda, estruturado como uma linguagem. O reprimido é da ordem do significante e os significantes inconscientes são organizados numa cadeia, onde ocorrem diversas relações de associações (sobretudo metonímicas e metafóricas). Entre o consciente e o inconsciente forma-se, no decorrer do tempo, uma cadeia complexa de significantes, segundo um modelo linguístico, o que é revelado pelas formações do inconsciente, ou seja, sonhos, sintomas, atos falhos e chistes.

Por outro lado, considera a interdição levantada pelo Édipo como a estrutura subjacente à organização aparente das sociedades. A criança, ao entrar na ordem do simbolismo social e cultural, depara-se de imediato com o problema edípiano, e, de sua resolução, vai depender o seu acesso pleno ou mitigado na sociedade. O fenômeno do Édipo e o da linguagem convergem para assegurar a toda a criança a tomada de consciência total de sua individualidade (autonomia como sujeito) e de participante de uma sociedade. A ordem simbólica, de uma maneira geral, instaura as relações "mediatas" entre os seres - a relação de homem a homem é mediada por um símbolo. Não havendo, assim, uma relação imediata, direta, sem intermediário. A existência desta mediação é que vai permitir, segundo Lacan, que cada pessoa se determine em sua individualidade única. Como diz Anika - Rifflet - Lemaire,

"Dans l'Oedipe, l'enfant passe d'une relation imme

diante et sans distance à sa mère à une relation médiate grâce à son insertion dans l'ordre symbolique de la famille. L'institution familiale distingue parents et enfants, leur donne un nom et une place de sujets singuliers. Dans l'Oedipe, le père joue le rôle de la Loi symbolique qui instaure le triangle familial, en actualisant sous son chef l'interdit de l'union ou de la dissolution avec la mère." (p.42)<sup>30</sup>

Um defeito grave do Édipo detém a criança na relação imediata, privando-a de sua subjetividade e tornando-a incapaz de atingir a substituição simbólica inerente à linguagem. O fracasso do Édipo caracterizaria, segundo Lacan, a psicose, diferenciando-a da neurose.

Paralelamente ao Édipo, a criança adquire o uso pleno da linguagem pela apropriação da categoria gramatical do "Je". A criança se designa primeiramente por seu nome, seguido do verbo, na terceira pessoa do singular, e, posteriormente, adquire a total assunção de sua personalidade.

Em síntese, poder-se-ia dizer que, segundo a teoria proposta por Lacan, a entrada na ordem simbólica é condição da individualidade do ser humano. O não atingimento desta ordem levaria à psicose. Para compreensão da passagem do imaginário ao simbólico, torna-se necessário o entendimento do emprego do modelo linguístico por Jacques Lacan, do significado que tem para ele o complexo de Édipo e a sua concepção de inconsciente.

### 3.3.1. A Utilização dos Conceitos Linguísticos

Neste item, procuraremos abordar, de uma maneira geral, o uso que Lacan faz da linguística, sem o que não nos seria possível a compreensão da sua teoria e, por conseguinte, do mecanismo de "forclusion" (Verwerfung), já que, para explicação do mesmo, se serve de con

ceitos daquela ciência. As referências à linguística foram a fonte do aprofundamento dos conhecimentos sobre a psicose, notadamente sobre a repressão originária.

Como vimos até agora, o pensamento de Lacan é nitidamente influenciado pela linguística, mas, de acordo com Anika Rifflet-Le-maire,

"... ses emprunts à cette science sont traités avec un éclairage qui lui est propre et qu' impose d'ailleurs le sujet dont il s'occupe: l'inconscient humain." (p. 87)<sup>50</sup>

Não seria possível se justificar plenamente as analogias efetuadas entre o uso da linguagem no plano da consciência e seu uso no do inconsciente. Da mesma maneira que seria impossível se enquadrar Lacan no estruturalismo linguístico. O estruturalismo é um método possível de ser aplicado diferentemente em cada ciência. Lacan se serve dos conceitos da linguística estrutural lançados por Saussure e os utiliza analogicamente para melhor compreensão dos temas psicanalíticos, sem fugir das direções estabelecidas por Freud na sua "Interpretação dos Sonhos"<sup>10</sup>.

A linguística estrutural distingue unidades de língua em diferentes níveis, a partir das diversas relações que estas unidades mantêm entre si, num mesmo nível e em níveis superiores. O método estrutural, portanto, privilegia a relação em detrimento dos termos da mesma. Saussure diferencia duas operações fundamentais em que vão caracterizar dois grandes eixos da linguagem, ou seja, a seleção e a combinação. A seleção refere-se à escolha de um termo entre outros possíveis, o que implica na possibilidade de substituição de um termo por outro. Daí

as associações que se pode fazer entre as palavras, a partir de relações de semelhanças.

A combinação remete à idéia de ligação (contiguidade) de contexto, de relações - cada unidade linguística serve de contexto para unidades mais simples, e se situa num contexto de unidades mais complexas.

Na cadeia falada, no nível da combinação, os termos, de acordo com F. de Saussure, estão unidos "in presentia"; na seleção, ao contrário, são unidos "in absentia". Os dois eixos são interdependentes, remetendo a combinação a novas unidades do código (língua, enquanto sistema).

Em síntese, pode-se distinguir em linguística os seguintes pares:

Seleção	Combinação
Substituições	Contexto
Associações	Sintagma
Paradigma	Contrastes
Oposições	Consignidade
Similaridade	Metonímia
Metáfora	Fala
Língua	

A análise linguística é efetuada com a ajuda de duas operações fundamentais e dialéticas: a segmentação e a substituição que procuram verificar a funcionalidade do elemento isolado - a sua capacidade de uma integração válida numa unidade superior. Em síntese, pode-se dizer que essa análise tem por princípio estabelecer as relações de um elemento com aqueles que

estão simultaneamente presentes e com aqueles capazes de o substituir. Através deste procedimento, atinge as leis de composição dos traços formais diferenciados.

Os diversos elementos organizam-se em séries, num mesmo nível, e revelam em cada língua combinações próprias nos diferentes níveis. A estrutura é, pois, a organização das partes de um todo, segundo certas regras precisas de condicionamento mútuo e funcional. A linguística estrutural define, em consequência, a língua como sendo uma unidade de globalidade que envolve partes.

Na aplicação que Lacan faz do modelo linguístico aos dados psicanalíticos, propõe uma compreensão do sujeito segundo um esquema disposto em estruturas, o que está de acordo com a distinção topográfica estabelecida por Freud entre consciente, pré-consciente e inconsciente, ou em id, ego e super-ego. O inconsciente "é a outra estrutura" disfarçada pela consciência. É uma rede constituída por significantes, e estruturada. Os elementos se articulam em categorias e subconjuntos, segundo certas leis precisas de disposição. Neste sentido, a estrutura do inconsciente é idêntica à da linguagem em sua dimensão sincrônica.

A linguística, através do algoritmo  $\frac{S}{s}$ , propõe o "discurso" como uma estrutura composta de estágios (estratos), o que permite uma certa autonomia do mesmo em relação aos conceitos que o compõem. As palavras não remetem diretamente ao sentido, sendo este somente alcançado na totalidade da frase. No aspecto diacrônico, há relativa autonomia do todo em relação aos seus elementos. A significação global fica, então, sujeita a duas figuras de estilo: a metáfora e a metonímia. Estas figuras são regidas por leis precisas de linguística - similaridade de sentido entre um significante e um outro

que o substitui na metáfora e deslocamento de sentido na metonímia. Estes procedimentos de estilo presentes numa frase permitem obter, a partir de cada elemento isolado desta fase, um encadeamento vertical de significantes contextuais ligados por regras de similaridade ou de conexão do sentido. A significação global é atingida graças a estas referências.

Segundo Lacan, o mesmo ocorre no registro psicanalítico, quando as formações do inconsciente devem a sua incompreensibilidade à rede inconsciente de significantes subjacentes. Este hermetismo dos termos que chegam à consciência é resultado de ligações complexas entre significantes aparentes com outros inconscientes.

Para Saussure<sup>51</sup>, o signo une um conceito a uma imagem acústica (marca psíquica do som). A imagem acústica seria o significante, e o conceito o significado, sendo esta relação representada pelo seguinte algoritmo:

$$\text{signo} = \frac{\text{significante}}{\text{significado}} .$$

Na sua globalidade, o signo é o ato de unificação de um significante com seu sentido, ato que dá origem à significação.

Lacan, centrando sua atenção na barra divisória do algoritmo, define, no Congresso de Roma em 1953, o significante como sendo o conjunto dos elementos materiais da linguagem unidos por uma estrutura. O significante é o suporte material do discurso: é a letra, ou os sons. Não se trata de um sinal, nem do signo da coisa, muito menos do seu significado. O significado é o sentido comum, é o conceito expresso no discurso. O significado exterioriza na globalidade dos sucessivos significantes. Para Lacan, o significante age separadamente de sua significação, e à revelia do próprio



sujeito. A este respeito, assim se expressa Anika Rifflet - Lemaire

"La figure, le caractère littéral du signifiant, com me élément constitutif de l'inconscient, fait sentir ses effets dans la conscience sans que l'esprit ait le moins du monde à s'en mêler. "Ça" pense en un lieu où il est impossible de dire "je suis". (p. 89)<sup>50</sup>

No caso de uma criança presenciar relações sexuais sem maturidade biológica suficiente para apreensão do sentido exato do fato, o mesmo vai se inscrever em seu inconsciente desprovido de sua significação, sob a forma de "letras" - puros significantes.

Lacan esclarece um pouco mais as noções de significante e significado, relacionando o significante com a "língua" (langue) enquanto sistema, e o significado com a "fala" (parole). Na realidade, assimila significante e significado aos termos opostos das séries seleção e combinação, respectivamente, recorrendo ainda à noção de "valor" introduzida por Saussure. Portanto, as noções linguísticas de que ele se serve, basicamente é a de signo de valor e a divisão da linguagem em dois eixos principais (significante, significado).

Para Saussure, o signo (relação entre significante e significado) é arbitrária. Entretanto, esta concepção é atenuada com a noção de valor, ou seja, o signo não é unicamente uma relação entre um "conceito" e uma "imagem acústica", mas faz parte de todo um sistema que lhe dá especificidade em relação aos outros signos. Cada signo, como também seus elementos, são valores - termos de um sistema de interdependência. O valor decorre do fato da língua ser um sistema de termos solidários entre si. A interpretação lacaniana da teoria dos valores denota uma acentuação bastante clara das relações dos termos no seio das duas categorias de significante e significado, em

detrimento da unificação terminal. Significante e significado seriam, pois, duas cadeias de relações que não se confundem. A primeira cadeia, a de significantes, é a estrutura sincrônica do material da linguagem, onde cada elemento é diferente do outro. A segunda cadeia, a de significados, é o conjunto diacrônico do discurso. A cadeia significante comanda por suas leis de estrutura, o advento da fala (parole). Em se tratando da fala (parole), a significação surge da estruturação dos termos, formando um conjunto com múltiplos jogos de retornos de significantes em significantes.

Para Lacan, portanto, significante e significado são duas ordens distintas, separadas por uma barra resistente à significação, dois fluxos paralelos onde os pontos de correspondência são mínimos. O que não implica na impossibilidade de se chegar à significação das frases. A maneira como se atinge esta significação, Lacan denomina "point de capiton" -

"Ce point de capiton, trouvez en la fonction diachronique dans la phrase pour autant qu'elle ne boucle sa signification qu'avec son dernier terme chaque terme étant antécipé dans la construction des autres et inversement scellant leur sens par son effet rétroactif." (p. 805)<sup>41</sup>

Jacques Lacan não tem uma visão puramente científica da linguagem, como têm os linguistas, pois sua percepção do fenômeno da compreensão inter-humana é filosófica. Esta filosofia geral da relação verdade/linguagem o faz concluir que a significação fechada temporalmente ao nível da frase torna-se um enigma. A criação de novas frases que, superpostas umas às outras na direção do sentido-verdade mítico, dão a impressão de uma distorção irreduzível entre o significante e o significado.

Em termos da palavra, acentua Lacan esta irreduzibilidade e

(significante/significado) pela valoração da barra divisória do algo rítmico saussuriano. Cada palavra na frase adquire um sentido, pelo jogo inter-relacional dos elementos da mesma, mas, ao mesmo tempo, este sentido não é jamais fixado de modo estável. Portanto, mesmo na estrutura sincrônica da linguagem, o "point de capiton" é mítico. O significado final buscado está totalmente excluído do pensamento, por que pressupõe uma dimensão incomensurável, que é a do Real.

A significação nasce progressivamente de uma disposição equilibrada dos termos que exclui os inadequados e evoca os semelhantes. A linguagem tem possibilidade de significar outra coisa, tendo autonomia em seu sentido. A metáfora é o agente principal desta relativa autonomia, juntamente com a metonímia, que determina a substituição de um termo por outro, tendo por base uma ligação de proximidade, de conexão de sentido entre esses dois termos.

Jacques Lacan se fixa mais sobre estes procedimentos de estilo que sobre as leis que presidem a organização sintática da frase num nível superficial. Isto lhe tem aberto rapidamente o acesso aos mecanismos do pensamento. As formações do inconsciente, sonhos, lapsos, chistes, sintomas, estão cheios destes procedimentos estilísticos. A análise psicanalítica deve, pois, liberar o sentido inconsciente e proceder a uma verdadeira hermenêutica. A hermenêutica é a arte da sutileza, a arte de fazer aparecer os contextos subjacentes ao enunciado, a estrutura aparente das formações do inconsciente. É nesses encadeamentos verticais inconscientes que a técnica da "associação livre" se fundamenta.

De uma maneira geral, pode-se constatar que Jacques Lacan retira do ensinamento da linguística, tudo o que lhe pode fornecer meios mais ricos para os fenômenos estritamente humanos. Deste modo,

ele assimila os processos metafóricos e metonímicos da linguagem, respectivamente ao deslocamento e à condensação - os dois mecanismos característicos do funcionamento do inconsciente nas suas formações subjacentes ao enunciado.

"Le symptôme psychanalyisable est soutenu par une structure identique à la structure du langage. Ceci se réfère au fondement de cette structure, soit la duplicité qui soumet à des lois distinctes les deux registres qui s'y nouent: du signifiant et du signifié. Le mot registre désignant ici deux enchainements pris dans leur globalité et la position première de leur distinction suspendant a priori à l'examen toute éventualité de faire ces registres s'équivaloir terme à terme..." (p. 444)<sup>27</sup>

Em Lacan, pois, as teorias linguísticas ficam impregnadas de seu contato com a alma humana. O algoritmo  $\frac{S}{s}$  é compreendido em psicanálise no eixo do símbolo, mais do que um signo restrito em seus contornos racionais. O doente jogará com as palavras como o faz o poeta, mas as operações que ele efetuará entre os significantes serão novas e privadas, carregadas de uma motivação psíquica interna. É evidente, portanto, que não há uma perfeita similitude entre o símbolo neurótico de um complexo ou de um desejo, e o símbolo de um significado conceitual da linguagem clássica, ou mesmo da poética. A motivação pessoal representará sempre o ponto de separação entre os dois simbolismos. O doente perde a referência do significado do símbolo, daí a preocupação de Lacan em acentuar a barra divisória do algoritmo saussuriano. Em linguagem, esta barra simboliza os subterfúgios do espírito na busca do sentido; em psicanálise, a repressão do significado, inacessível sem a ajuda do processo analítico.

O texto originário do inconsciente, constituído de imagens acústicas, de letras elementares, só poderá ser reconstituído gradativamente no processo analítico, pois a "autonomia da cadeia de signifi

cantes, em relação ao significado" é um fato. Da mesma maneira que, na linguagem consciente, é impossível se refazer de imediato a separação entre o real e o pensamento, entre o real e o simbólico, em psicanálise também não é possível se estabelecer a ligação que criticamente une o texto originário do inconsciente ao imaginário do sujeito.

Considera Anika Rifflet - Lemaire o ensinamento da linguística fecundo, tanto na prática quanto na teoria psicanalítica, apesar de Jacques Lacan não ser um "purista" na utilização das noções daquela ciência. Ele não criou uma nova psicanálise - uma psicanálise linguística - apenas utilizou uma terminologia enriquecedora, e que é a substância do próprio pensamento freudiano. Por outro lado, a teoria lacaniana se fundamenta numa filosofia da ontogênese humana, como decorrência direta dos conhecimentos atuais em matéria de linguística.

### 3.3.2. A Significação do Complexo de Édipo. O "Phallus" como Significante Primordial

A inscrição no registro simbólico da linguagem e da família representa, para a criança, a assunção de sua individualidade no seio do grupo familiar e da sociedade - a sua realização pessoal.

Lacan procura explicar este fato, utilizando-se do fenômeno edipiano, quando ocorre uma transformação radical e universal no ser humano: a sua passagem da relação dual, imediata, "especular" (no nível do imaginário), à relação mediata própria ao registro simbólico (em oposição ao imaginário). A relação dual, primariamente estabelecida pela criança, não lhe possibilitará a sua subjetividade. A

criança vê no outro, na imagem do espelho, ou na sua mãe, um semelhante com o qual se confunde e se identifica. A criança que não vai além desta fase - o que ocorre com o psicótico - é incapaz de se situar e de situar os outros. Para que ela possa ser capaz de "organizar o mundo", torna-se indispensável ter alcançado a mediação do simbólico.

Nos neuróticos, a relação dual que estabelece a dialética das identificações alienantes prosseguem, apesar da assunção da subjetividade com a entrada no simbólico. Estabelece-se, assim, uma clivagem (Spaltung), devido ao mecanismo de repressão (Verdrängung), o que impossibilita o indivíduo de alcançar as referências simbólicas. Mas no caso do neurótico, é sempre possível, através da análise, se restituir as relações simbólicas cindidas. Em se tratando de psicótico, isto já não é certo, pois não se pode impor a uma pessoa relações simbólicas que ele nunca tenha alcançado.

Quando Lacan se refere à "relação dual", está, quase sempre, fazendo alusão ao "estágio do espelho". Estágio a que demonstra um enorme interesse, considerando-o como testemunho da relação dual imediata própria do imaginário, e como revelador da importância de uma passagem ao registro tri-dimensional do simbólico.

"... l'expérience de soi-même chez l'enfant du premier âge, en tant qu'elle se réfère à son semblable, se développe à partir d'une situation vécue comme in différenciée. Ainsi autour de l'âge de 8 mois dans ces confrontations entre enfants qui, notons-le, pour être fécondes, ne permettent guère que deux mois et demi d'écart d'âge, voyons-nous ces gestes d'actions fictives par où un sujet reconduit l'effort imparfait du geste de l'autre en confondant leur distincte application, ces synchronies de la captation spectaculaire, d'autant plus remarquables qu'elles devancent la coordination complète des appareils moteurs qu'elles mettent en jeu. ... Ainsi l'agressivité qui se manifeste dans les retaliations de tapes et de coups ne peut seulement être tenue pour une manifes-

tation ludique d'exercice des forces et de leur mise en jeu pour le repérage du corps. Elle doit être comprise dans un ordre de coordination plus ample: celui qui subordonnera les fonctions de posture tonique et de tension végétative à une réalité sociale... Bien plus, j'ai cru moi-même pouvoir mettre en valeur que l'enfant dans ces occasions antecipe sur le plan mental la conquête de l'unité fonctionnelle de son propre corps encore inachevé à ce moment sur le plan de la motricité volontaire. Il y a là une première captation par l'image où se dessine le premier moment de la dialectique des identifications." (p. 112)<sup>30</sup>

O reconhecimento de si mesmo no espelho - o estágio do espelho propriamente dito - por ocorrer numa idade em que é questionada a relação da criança com seu semelhante, tem uma grande repercussão no estabelecimento do "moi aliéné". Desde então, a aquisição pela imagem da forma humana dominará, entre 6 meses e dois anos, o comportamento da criança em presença de seu semelhante, comportamento este que será de identificação. De tudo isto, ressalta Lacan, a importância do "estágio do espelho" como instaurador do "moi", numa linha de ficção, de alienação (no nível do imaginário).

O "moi" se cristalizará no conflito edípiano subsequente: re produzirá inicialmente a relação dual (com a mãe), e a agressividade, que é então dirigida contra o intruso, ou seja, o pai, como concorrente. Deste fato surgirá a tríade do outro, do "moi" e do objeto. O E-dipo estabelece uma mudança identificatória do sujeito, uma identificação secundária pela introjeção da imagem da figura parental do mesmo sexo. No entanto, esta identificação só será possível se a primeira das identificações foi efetivamente realizada, estruturando o su-jeito como rival de si-mesmo. Além do mais, considera Lacan errôneo se conceber que o "moi" esteja definitivamente constituído no fato do drama edípiano:

"Chaque métamorphose instituelle... remettra en cause sa delimitation. C'est pourquoi jamais...le moi de l'homme n'est reductible à son identité vécue." (p. 114)<sup>30</sup>

Em síntese, o estágio do espelho é o advento da subjetividade física, precedida da vivência do "corpo despedaçado" (morcelé). O reflexo do corpo é pois necessário para a sua unidade e sua localização espaço-temporal. Mas é também o estágio de identificação narcisista alienante (identificação primária, para Lacan): o sujeito é seu duplo. A relação dual é, portanto, o próprio imaginário - a não distinção entre o significante e significado. Esta forma de relação, particularmente visível na relação da criança com a mãe, se não é interdita pelo pai tem por consequência uma sujeição da criança à sua mãe, uma união difusa. Trata-se de uma confusão onde os dois membros se interpenetram, e onde a criança não pode dispor de sua individualidade.

No Édipo, como já foi dito, a relação dual mãe-filho é ultrapassada. Lacan distingue três tempos no desenvolvimento do complexo de Édipo:

- 1º - De início, a criança deseja não somente o contato e os cuidados da mãe. Deseja ser tudo para ela, ou seja, o complemento de sua falta: o "phallus". É o desejo do desejo da mãe, e, para satisfazê-la, identificando-se com o objeto desse desejo, que é "phallus". Pode-se então dizer que a criança, nesse estágio, identifica-se com o objeto do desejo do outro, submetida passivamente à sujeição materna, não é um sujeito, é o zero absoluto, pois não está localizado ou determinado na rede simbólica. Confunde-se com o objeto do desejo do outro e, numa fusão indistinta com a mãe, coloca-se como um nada, um branco; está privado de toda subjetividade ou individualidade. É o domínio do imaginário, o



"moi" é seu duplo (identificação com a mãe pela identificação com o objeto do desejo) e o reino do narcisismo primário.

2º - A ascensão ao simbólico pelo Édipo; o pai intervém com uma dupla proibição, privando a criança do objeto do seu desejo, e a mãe do objeto fálico. Quando a criança se depara com a proibição (poder da heterogeneidade), fundadora da ordem simbólica, encontra a "Lei do Pai". A criança fica bastante abalada na sua posição. Esta segunda etapa, transitória e capital, é que permite a identificação com o pai.

Mas, para que o pai seja reconhecido como representante da Lei, é necessário que a sua "fala" (parole) seja reconhecida pela mãe. Somente a "fala" (parole) propicia ao pai uma função privilegiada, e não o vivido real das relações com ele, muito menos pelo seu papel na procriação.

"Le père n'est présent que par sa loi, qui est la Parole et ce n'est que dans la mesure où sa parole est reconnue, si la position du père est mise en question, l'enfant demeure assujetti à sa Mère." (p. 33)<sup>36</sup>

Logo, se o pai é reconhecido pela mãe como autor da Lei o sujeito terá acesso ao Nome-do-Pai ou "Metáfora Paterna" (Nome do Pai), significante do pai ao campo do Outro, ordem simbólica, que dá fundamento à Lei Simbólica da Família.

Se, por outro lado, a criança não aceita a Lei, ou se a mãe não reconhece ao pai esta função, o sujeito continuará identificado com o "Phallus", e preso à mãe.

3º - Identificação com o Pai: nesta terceira fase, a criança se identifica com o pai como sendo aquele que tem o "phallus" (o objeto desejado pela mãe), e não mais como objeto do qual ele a pode privar, enquanto pai onipotente. A criança, identificada com o pai, chega à resolução do Édipo através do ter (e não mais do ser). Ele agora é o que tem ou não o "phallus". Ao mesmo tempo, opera-se uma castração simbólica: o pai castra o filho enquanto "phallus" e o separa da mãe. É a dívida, o que é necessário para ser "si-mesmo" e ter acesso à ordem simbólica da cultura e da civilização.

"La loi primordiale est donc celle qui, en réglant l'alliance, superpose le règne de la culture au règne de la nature, livré à la loi de l'accouplement. L'interdit de l'inceste n'en est que le pivot subjectif. Cette loi se fait donc suffisamment connaître comme identique à un ordre de langage. Car nul pouvoir sans les nominations de la parenté n'est à porter d'instituer l'ordre des préférences et des tabous"... (p. 277)<sup>32</sup>

O sacrifício é realizado no Édipo pela castração simbólica e pela morte do pai, pelo seu acesso ao lugar do outro - metáfora paterna. A palavra é a morte da coisa, e esta morte é a condição do símbolo.

"C'est dans le Nom-du-Père qu'il nous faut reconnaître le support de la fonction symbolique qui... identifie sa personne à la figure de la loi." (p. 278)<sup>32</sup>

Em síntese, para Lacan a criança que, simbolizando o pai real (ascendendo à metáfora paterna), chega à Lei cujo fundamento é precisamente o Nome-do-Pai, tem garantida a sua inscrição no registro do simbólico.

O Édipo, para Lacan, está relacionado não somente com o a-

cesso à cultura, mas também com o acesso à linguagem. Considera a repressão originária simultânea ao acesso à linguagem. Esta repressão seria o ato pelo qual aquele que vai se constituir como sujeito se abstém do "vivido imediato", dando-lhe um substituto e constituindo, desta maneira, o real enquanto real, o simbólico como autônomo, e o sujeito como subjetividade. Como diz Anika Rifflet - Lemaire:

"... le refoulement originaire n'est possible que si le sujet se pose comme n'étant pas la chose ou le vécu, pas plus que le substitut qu'il donne à ce vécu, et par conséquent ce refoulement n'est possible que si le sujet dispose d'un signifiant originaire de soi, qu'il puisse poser comme négatif de sa coenesthésie, et qui lui permettra d'opérer la négation inhérente au refoulement originaire: la chose n'est pas son substitut, pas plus qu'elle n'est le moi."  
(p. 153)<sup>50</sup>

Uma resolução satisfatória da tragédia edípiana possibilita que o significante originário de si fique à disposição do sujeito (o nome), na sua singularidade. O Édipo permite, pois, a repassagem do registro do "imaginário" ao "simbólico", ou seja, à linguagem.

Esta colocação é necessária para se entender a "forclusion", distinguindo a psicose da neurose. A "forclusion" se define pelo fracaso na entrada do simbólico ou linguagem. O sujeito permanece preso ao imaginário, submetido ao real, não podendo estabelecer a distinção entre significante e significado; seja porque o significante fica privilegiado e tomado em sentido literal, fora de qualquer referencial em sua dimensão de símbolo, seja porque se torna prevalente. A causa desta incapacidade em distinguir o significante do significado é a ausência de um substituto originário de si, e isto devido a um desfecho desfavorável do Édipo.

O termo "phallus", como é utilizado por Lacan, não se confunde com o sexo real, biológico. O "phallus" é uma significação evoca-

da pela metáfora paterna". Esta metáfora, segundo Lacan, realiza-se por uma substituição numa relação de significante a significado, por um outro significante. O significante S é substituído por um outro S', passando o primeiro significante para a ordem dos significados, ou seja:

$$\frac{S'}{S} \cdot \frac{S}{S'} = S' \left( \frac{I}{s} \right)$$

Aplicada esta fórmula à metáfora paterna:

$$\begin{array}{ccc} \frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} & \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado do sujeito}} & \longrightarrow \\ \text{Nome do Pai} \left( \frac{A}{\text{Phallus}} \right) & & \end{array}$$

O desejo da mãe tem por significante o nome do pai, enquanto portador do "phallus". Mas isto é ignorado pelo sujeito, que só atingirá este significado ao considerar o desejo da mãe, significante de seu próprio desejo. Esta descoberta significa para o sujeito que o "phallus" está no Outro.

Em consequência desta metáfora, o sujeito sai da posição imaginária em que se identificava com o "phallus", submetendo-se à Lei e podendo, então, vir a ter ou receber um "phallus". O sujeito, não mais se confundindo com o objeto do desejo que ele inspira imaginariamente, atinge ele próprio o desejo segundo a ordem estabelecida pela Lei. A criança, identificando-se com seu pai, passa do registro do ser (o ser "phallus" todo poderoso) ao registro do ter (ter um desejo formulável num pedido) e se empenha na busca de objetos cada vez mais distanciados do objeto do seu desejo. Paralelamente, ele segue uma dialética de identificação onde se constitui o seu "moi". Fala, então, Lacan, no que ele denomina de "Spaltung" do sujeito, que se situaria na passagem do sujeito do ser ao ter, devido à sua rela-

ção com o significante: o desejo de ser o "phallus", o desejo de união com a mãe é reprimido e substituído por aquilo que o nomeia, isto é, o símbolo. Se o Nome-do-Pai preenche esta função de simbolizar o desejo é porque o pai se manifesta como aquele que tem o "phallus" desejado pela mãe.

A castração que é aludida não se reduz à ameaça do pai endereçada à criança, mas sua importância vem do seu deslocamento sobre a mãe e, finalmente, do reconhecimento da castração da mãe, o que produz a identificação com o pai e a passagem da falta de ser ao ter.

"Le phallus est le signifiant privilégié de cette manque où la part du logos se conjoint à l'avènement du désir. Il ne peut jouer son rôle que voilé, c'est à dire, comme signe lui-même de la latence dont est frappé tout signifiable, dès lors qu'il est élevé à la fonction de signifiant". (p. 692)<sup>40</sup>

A falta de ser criada pela imposição da Lei explica a eternização do desejo, que, de significante em significante, se desloca metonimicamente no pedido (demande).

Em síntese, dentro da visão lacaniana, o "Complexo de Édipo" não é apenas um estágio da psicologia genética; é o momento em que a criança se humaniza, ao tomar consciência de si, do mundo e dos outros.

A resolução do Édipo representa o acesso à linguagem, ao mundo simbólico da família e à sociedade em geral. O fenômeno edipiano se desenvolve por etapas, cada vez mais estruturantes e decisivas. Revela-se como a articulação inconsciente de um mundo humano de cultura e de linguagem, como a própria estruturação das formas inconscientes da sociedade.

### 3.3.3. Significação do Inconsciente. Sua Estrutura e Pro-

cessos.

A constituição do sujeito, por sua inserção através do Édipo, na ordem simbólica a que é submetida a organização social, é simultânea a uma divisão entre a sua "existência" e o seu "sentido".

O acesso à ordem simbólica está simultânea e indissoluvelmente ligado à repressão originária (Urverdrängung).

A concepção lacaniana do inconsciente é bastante discutida num texto de J. Laplanche e S. Leclaire<sup>44</sup>, elaborado em 1959 para o VIº Colóquio de Bonneval, dirigido por H. Ey. Aqui, deter-nos-emos apenas no que Lacan pensa sobre o inconsciente, sem entrarmos nessas discussões, pois fugiríamos muito do assunto do nosso interesse.

Para Lacan, a linguagem é a condição do inconsciente, e este é o lugar do Outro, é um outro discurso.

"L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiants qui quelque part (sur une autre scène, écrit-il) se répète et insiste pour interférer dans les coupures que lui offre le discours effectif et la cogitation qu'il informe" (p. 799)<sup>41</sup>

O inconsciente, para Lacan, não é, pois, coextensivo ao consciente, como uma outra significação correspondendo ponto por ponto. É uma letra, um outro sistema que interage com o discurso consciente, surgindo nas lacunas do texto manifesto. Estas lacunas são preenchidas pelas formações do inconsciente, ou seja, sonhos, lapsus, atos falhos, chistes.

É a seguinte a definição mais exaustiva formulada por Lacan, sobre o que ele entende por inconsciente:

"L'inconscient est cette partie du discours concret en tant que transindividuel, qui fait défaut à la disposition du sujet pour rétablir la continuité de

son discours conscient... L'inconscient est ce chapitre de mon histoire qui est marqué par un blanc ou occupé par un mensonge: c'est le chapitre censuré." (p. 258)<sup>32</sup>

Para Freud, o inconsciente seria um núcleo formado por representantes das pulsões. O critério de distinção dos diferentes sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciente), estabelecido em 1915<sup>14</sup>, é de acessibilidade do representante da pulsão à consciência. Portanto, como já foi visto, em consonância com o Ponto de Vista Topográfico da Metapsicologia Freudiana, os processos inconscientes (inacessíveis à consciência) estão organizados (interconectados) em um sistema (inconsciente sistemático) - que é uma das regiões em que pode ser dividido o aparelho psíquico, ao lado dos sistemas Cs, Pcs, e que, tanto quanto os processos pré-conscientes e conscientes, são capazes de causar conduta (inconsciente dinâmico).

Ainda em sua Metapsicologia, refere-se Freud a uma "repressão originária" (Urverdrängung), que Lacan vai considerar como constitutiva do sistema inconsciente. Esta repressão, chamada de originária, seria um primeiro momento da repressão e um fenômeno universal comum a todos os homens, sendo responsável pela cisão eu-mundo. Os núcleos inconscientes, assim constituídos, colaboram mais tarde na repressão propriamente dita (Verdrängung), atraindo os conteúdos a reprimir, conjuntamente com a repulsa proveniente das instâncias superiores. Freud se refere ao representante da pulsão como aquilo que a fixa, inscrevendo-a no psiquismo. Formariam os conteúdos do inconsciente e, de acordo com a interpretação lacaniana, seriam esses primeiros representantes que constituiriam o inconsciente quando da repressão originária.

Os escritos de Freud sobre uma repressão dita originária são muito restritos. Lacan retoma esses textos e procura ampliá-los através de uma criação original, pois estas teorias acerca da repressão originária (*Urverdrängung*) e da fixação simultânea de um representante pulsional constitutivo do inconsciente o levaram à sua tese pessoal de uma simultaneidade no acesso à linguagem e à formação do inconsciente. A fórmula  $\frac{S}{s}$  representaria o inconsciente, demonstrando ser ele composto de significantes. Seria o inconsciente uma cadeia de significantes. Estes significantes não podem ser assimilados a nossa linguagem verbal, sendo elementos pertencentes ao imaginário. No nível inconsciente, não há distinção entre significante e significado.

Laplanche tenta demonstrar, seguindo a fórmula da metáfora utilizada por Lacan, o processo das repressões originárias e secundárias. Lacan, no entanto, só recorre a este tipo de esquema para fins didáticos. Igualmente, quando se refere ao inconsciente dizendo ser o mesmo estruturado como uma linguagem, está apenas utilizando-se de "uma analogia enriquecedora". Como diz Anika Rifflet-Lemaire:

"Il est bien évident, ... que le langage au niveau de l'inconscient ne peut être assimilé à notre langage verbal. Force nous est faite aussi d'avouer une certaine incapacité à préciser les rapports exacts entre ces deux langages, puisque les penser ou les déployer dans le discours analytique dénature déjà le sens même de l'inconscient." (p.175)<sup>50</sup>

A análise do inconsciente revela uma livre circulação de catexes que, através dos mecanismos de condensação e deslocamento, segue uma trajetória sem nenhuma lógica. Trata-se do processo psíquico primário descrito por Freud que, para Lacan, apresenta-se como eterna fuga de qualquer significação. No inconsciente, há a impossibilidade de se ligar a catexes a um significante que a represente de uma maneira



estável. Não há, portanto, ligações fixas de um significante a um significado, mas um fluir de catexes sem direção de um significante a outro.

Freud, num artigo de sua metapsicologia sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, enumera como características deste sistema:

- ausência do princípio de contradição. Os elementos do inconsciente não conhecem nem a negação nem a dúvida;
- ausência de ordenação temporal;
- submissão total ao princípio do prazer; o princípio da realidade não é tomado em consideração;
- grande mobilidade de catexes.

Na linguagem verbal consciente, há um certo limite ao processo primário descrito acima, ou seja, uma certa adequação entre significante e significado. Lacan, entretanto, insiste na importância da barra do algoritmo saussuriano  $\frac{S}{s}$  como uma separação radical, excluindo, a priori, qualquer possibilidade de equivalência termo a termo, entre as cadeias de significantes e de significados. A sua teoria do "point de capiton" possibilita a apreensão na frase do ponto onde a significação pode ser obtida em termos diacrônicos. Sincronicamente, esta teoria remete às origens da linguagem no momento em que para a criança se efetua a cisão entre o objeto e o signo correspondente (co-existência no pensamento, da presença e da ausência dos objetos). A cisão que separa o objeto do signo é um processo com um sentido único. A verdade fica excluída do pensamento e, ao mesmo tempo, permanece pelo signo que a aliena.

Quando Lacan alude ao "point de capiton" na dimensão sincrônica da linguagem, ele provavelmente está se referindo às ori-

gens da linguagem apreendida, e não ao símbolo individual no sentido psicanalítico. Mas o certo é que, na origem da linguagem, misturam se significantes com conteúdos estritamente pessoais, refletindo as vivências profundas da criança, com significantes totalmente despojados de qualquer tonalidade psíquica ou traumática.

O processo primário encontra na linguagem consciente certos limites, o que Lacan atribui às convenções no uso do signo linguístico, visando uma certa coerência de pensamento, daí a "capitonnage dischronique."

Às vezes, é perceptível uma certa junção, uma interação entre as linguagens consciente e inconsciente. Quando isto ocorre, há uma discordância com o resto do texto, reveladora da presença da linguagem inconsciente. A análise sincrônica dessas "formações do inconsciente" leva a contextos impalpáveis sem relação linear com o consciente.

A constatação por Lacan desta impossibilidade, da língua - gem inconsciente condicionar a ordem relativamente observável no discurso falado, leva ao problema da dupla inscrição. Esta questão é levantada por Freud em 1896<sup>8</sup> e em 1915<sup>14</sup>. Neste último artigo, reconhece estar esta hipótese ligada à acentuação da topografia do aparelho psíquico e ser a mais grosseira e cômoda. A segunda hipótese - a da funcionalidade da representação - seria, segundo Freud, mais verossímil, entretanto, é mais difícil de ser manipulada. No artigo sobre a Repressão<sup>15</sup>, Freud conclui que a passagem de uma representação de um sistema a outro é puramente funcional e não necesita de uma nova inscrição. Neste artigo, portanto, o problema da dupla inscrição encontra uma solução negativa. Mas Freud vai precisar explicar a existência de um processo de contra-catexe, destina-

do a assegurar a manutenção do reprimido e a proteger o pré-consciente. A hipótese funcional não abrange estes aspectos. Chega então a uma terceira solução, quando espera ter solucionado o problema.

"Creemos descubrir aquí cuál es la diferencia existente entre una representación consciente y una representación inconsciente. No son como supusimos distintas inscripciones del mismo contenido en diferentes lugares psíquicos, ni tampoco diversos estados funcionales de la carga, en el mismo lugar. Lo que sucede, es que la representación consciente integra la representación objetiva, más la correspondiente representación verbal, mientras que la inconsciente es tan sólo la representación objetiva. El sistema Inc. contiene las cargas objetivas de los objetos, o sea, las primeras y verdaderas cargas de objeto. El sistema Prec. nace a consecuencia de la sobrecarga de la representación objetiva por su conexión con las representaciones verbales a ellas correspondientes. Podemos ahora expresar más precisamente qué es lo que la represión niega a las representaciones rechazadas en las neurosis de transferencia. Las niega la traducción en palabras, las cuales permanecen enlazadas al objeto. La representación no concretada en palabras o el acto psíquico no traducido permanecen entonces reprimidos en el sistema Inc." (p. 1080)<sup>14</sup>

Esta terceira hipótese levantada por Freud reformula a diferença topográfica das inscrições e possibilita uma melhor compreensão do problema. As inscrições conscientes e inconscientes divergem pois, enquanto as primeiras compreendem as representações dos objetos e das palavras correspondentes, as segundas se limitam apenas às representações dos objetos. Confirmando esta suposição, cita Freud o esquizofrênico como o único doente em que o representante da palavra na consciência é tratado como representante do objeto, isto é, segundo os mecanismos primários, próprios do inconsciente. O porquê disto será tratado no item a respeito da "forclusion" (Verwerfung). Esta colocação de Freud, com o exemplo do pensamento esquizofrênico, está mais próxima da abordagem lacaniana do problema. Conclui então Lacan que os dados fornecidos por Freud autorizam o uso do termo lin

guístico-significante para designar o conteúdo do inconsciente, e a descrição do mesmo como uma estrutura, ou seja, uma rede complexa de representações. O inconsciente, desde seu texto originário até suas formações, revela analogias estruturais com uma linguagem.

O inconsciente é, pois, constituído de elementos significantes primários que realizam diferentes combinações.

### 3.3.4. Neurose, Perversão e Psicose na Concepção Lacaniana.

Jacques Lacan, aproveitando a contribuição da linguística, articula o problema da existência humana diferenciando três registros: o Real, o Imaginário e o Simbólico. O homem normal se caracterizaria por uma economia equilibrada desses três polos, o neurótico, por uma perturbação no metabolismo interno entre os três, e o psicótico, por uma alteração radical e original no uso do signo linguístico.

Como já vimos, a distinção linguística estabelecida entre significante e significado, a noção de valor e os procedimentos estilísticos da língua, explicam a autonomia do simbólico em relação ao real, e também em relação ao pensamento e aos conceitos. O significante não é o objeto real, nem o significado um conceito único deste objeto.

Considerando o neurótico como aquele que já atingiu o nível simbólico, ao contrário do psicótico, que nunca atingiu esta ordem, o seu problema se resume numa perda de referência simbólica dos significantes que constituem os pontos centrais de sua estrutura. Ele passou à ordem simbólica, mas perdeu o sentido das articulações entre os significantes; não consegue dissociar idéias de construção imaginária; vive num nível imaginário o registro do simbólico. A repressão

no neurótico, responsável pela acentuação da clivagem Ics/Cc, o faz perder o valor de referência do símbolo, perpetra a sua queda no nível imaginário - a ausência de mediação entre si próprio e a idéia.

É importante salientar que, no neurótico, a experiência, objeto da repressão, já foi estruturada, isto é, entrou no circuito do discurso, existiu antes de ser reprimida. Logo, o neurótico, tendo realizado um julgamento de existência, este julgamento poderá, em qualquer época, ser re-evocado e, pela análise, reintegrado no discurso. Em seu artigo "Réponse au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud"<sup>34</sup>, refere-se Lacan a uma simbolização (Bejahung) primária que possibilitaria as simbolizações posteriores. Jean Hyppolite entende o estudo desse mecanismo (Verneinung) como revelador de um juízo de atribuição e de um juízo de realidade. No julgamento de atribuição, trata-se de expulsar ou introjetar (estabelecimento do dentro e fora) e no julgamento de existência, a aceitação ou não de uma representação como pertencente ao sujeito. A "Bejahung" vai depender do julgamento de atribuição, no sentido de introjeção da representação. Esta simbolização primordial é estruturante do sujeito. O neurótico julga e reprime a representação não a aceitando como algo seu. A sua existência é negada.

Centrando a análise desse processo em termos de significante primordial, o neurótico o introjeta, o que implica na aceitação da Lei e repressão da castração. A visão da ausência do pênis - na mãe é, então, tomada como diferença original, causa do desejo, sendo agora o desejo, desejo da diferença.

Uma outra característica da neurose é uma certa perturbação na utilização universal de relações significantes, isto é, das relações entre os signos. A vivência pessoal do paciente lhe faz

associar significantes numa relação metonímica, e fazendo substituições metafóricas. Essas relações subjacentes chegam à constituição de um código pessoal que somente a técnica de associação livre pode evidenciar. Assim, o sintoma, o sonho, contém símbolos que nem sempre pertencem ao simbolismo tradicional - seriam "discursos ou desejos alienados".

O processo da cura seria a passagem do imaginário, não simbólico, ao imaginário simbolizado. Seria a restituição das cadeias associativas que sustentam os símbolos até o acesso à verdade do inconsciente, aos significantes elementares que por metáforas e metonímias chegariam à consciência. A cura é, portanto, a reintegração no fio normal do discurso de uma "fala" (parole), é fala plena, até então deformada.

Em relação ao perverso, a sua reação à castração é diferente da do neurótico. Ele a "recusa", havendo então uma coincidência entre o objeto do desejo (phallus) e o objeto do prazer sexual. O fetiche, por exemplo, será a metáfora do "phallus" materno, como objeto de desejo. O "phallus", por outro lado, é metonímico em relação à mãe - em relação ao corpo que o possui.

Quanto à psicose, os trabalhos de Jacques Lacan, neste sentido, têm sido muito importantes, tanto teórica quanto terapêuticamente, vez que os conhecimentos atuais sobre o assunto são bem escassos, e os métodos terapêuticos, em consequência, pouco estruturados.

Jacques Lacan propõe conservar o termo "repressão" (Verdrängung) para o mecanismo típico da neurose, e propõe o termo "forclussion" (Verwerfung) como mecanismo explicatório do fenômeno psicótico. Acentua o valor de uma repressão originária (Urverdrängung) que seria a condição para a resolução satisfatória do Complexo de Édipo e

o acesso ao simbólico. Esta repressão originária (Urverdrängung), o psicótico não é capaz de realizar.

Enquanto o neurótico adquiriu o uso do simbolismo, e o ocul tou depositando no inconsciente as suas experiências - já estruturadas - , o psicótico rejeita pura e simplesmente - "forclui" o que vi veu. Em síntese, o psicótico nunca teve acesso à distinção entre sig nificante e significado. A "forclusion" é anterior a toda possibili dade de repressão, pois esta, ao ser efetuada, exige reconhecimento do elemento a ser reprimido. Há uma total ausência do julgamento de existência. Este julgamento, ou afirmação, está relacionado com o sig nificante que Lacan denomina de primordial (o phallus).

"Pour que la psychose se déclenche, il faut que le Nom-du-Père verworfen, forclos, c'est-à-dire, jamais venu à la place de l'Autre, y soit appelé en opposition symbolique au sujet... Mais comment le Nom-du-Père peut-il être appelé par le su jet à la seule place d'où il ait pu lui advenir et où il n'a jamais été? Par rien d'autre qu'un père réel, non pas du tout forcément par le père du sujet par Un-père... Il y suffit que cet Un-père se situe en position tierce dans quelque relation qui ait pour base le couple imaginaire a-a' c'est-à-dire, moi - objet ou idéal-réalité, intéressent le sujet dans le champ d'agression érotisé qu'il induit... Que cette situation se présente pour la femme qui vient d'enfanter, en la figu re de son époux, pour la pénitente avouant sa fau te, en la personne de son confesseur, pour la jeu ne fille enamorée en la rencontre du père du jeu ne homme, on la trouvera toujours..." (p. 577)<sup>39</sup>

## CAPÍTULO 4

### O MECANISMO DE "FORCLUSION" (VERWERFUNG)

#### 4.1. Introdução

"Forclusion" é a tradução francesa proposta por Lacan para o termo "Verwerfung", utilizado por Freud. As acepções freudianas da palavra "Verwerfung" são variadas, o que pode ocasionar uma certa dificuldade de reuni-las numa só definição. Às vezes, é empregada num sentido bastante próximo à repressão (*Verdrängung*), e outras vezes, como um rechaço sob a forma de um juízo consciente de condenação (*Verurteilung*). Um terceiro sentido, que é o adotado por Lacan, é bem diferente desses dois primeiramente considerados e correspondem ao pensamento de Freud, quando este escreve:

"Pero hay aún otra forma de defensa mucho más energética y eficaz, consistente que en el yo rechaza (*verwirft*) la representación intolerable conjuntamente con su afecto, y se conduce como si la representación no hubiese jamás llegado a él." (p. 179)<sup>7</sup>

O texto acima articula os conceitos freudianos, com a tradução e o emprego propostos por Lacan. Mas é no artigo sobre "O Homem dos Lobos"<sup>16</sup> que as palavras "Verwerfen" e "Verwerfung" surgem por diversas vezes, e onde Lacan preferiu apoiar-se para promover a noção de "forclusion". A significação da análise a que o "Homem dos Lobos" submeteu-se foi resumida por Freud nas seguintes palavras:

"... y toda nuestra labor tendió a descubrir su relación inconsciente con el hombre". (p. 748)<sup>16</sup>

O que nos leva a supor que foi em torno da castração que se articulou esta análise. Os elementos percebidos da cena primitiva só pos



teriormente receberão o seu sentido e a sua interpretação. No momento de sua primeira experiência traumática - com um ano e meio - o indivíduo era incapaz de elaborar sob a forma de uma teoria da castração este dado bruto que seria a ausência do pênis na mãe:

"... rechazar (verwerfen) la castración sin emitir juicio alguno sobre su realidad." (p. 732)<sup>16</sup>

Num sentido próximo a este, são também empregadas por Freud, segundo Laplanche e Pontalis<sup>45</sup>, as seguintes palavras: "ablehnen" (afastar, declinar), no artigo sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>; "aufheben" (suprimir, abolir), no "Caso Schreber"<sup>12</sup>; "verleugnen" (renegar, recusar), no texto sobre o "Fetichismo"<sup>24</sup>, o que leva Laplanche e Pontalis a concluírem em seu "Vocabulário de Psicanálise"<sup>45</sup>, no verbete sobre o assunto, que o uso do termo "Verwerfung" não abrange sempre a idéia expressa por "forclusion", o que, inversamente, outras formas freudianas designam o que Lacan procura evidenciar.

A palavra "forclusion" é um termo próprio do Direito Processual Civil, significando excluir, impedir que alguém use de um direito por não o ter exercido em tempo oportuno. Sendo exatamente este o sentido do termo dentro do contexto psicanalítico, como possível mecanismo explicatório da psicose - o que não foi simbolizado em tempo não mais poderá sê-lo.

Pedro Tamen traduz, no "Vocabulário de Psicanálise" de Laplanche y Pontalis<sup>45</sup>, "forclusion" por rejeição e repúdio, o que, a nosso ver, não corresponde nem ao sentido nem à letra lacaniana. Esta imprecisão terminológica leva-nos a propor a adoção do termo correspondente a "forclusion" em nosso Direito Processual Civil: preclusão - "perda ou extinção irrecuperável de uma faculdade processual." Ratificando nossa opinião, temos a de Mário Levin<sup>46</sup> que sugere, pelas mesmas razões, como tradução espanhola a palavra "preclusion".

#### 4.2. Conceito de "Forclusion"

Além das questões terminológicas referentes ao emprego do termo "Verwerfung" por Freud, verificou Lacan que a definição de uma defesa típica do psicótico é uma "exigência constante na obra da quele autor", como acentuam Laplanche e Pontalis em seu "Vocabulário de Psicanálise",

"En la esquizofrenia... surge la duda de si el proceso represivo que en ella se desarrolla tiene realmente algún punto de contato con la represión de las neurosis de transferencia". (p. 1080)<sup>14</sup>

Jacques Lacan desenvolve o conceito de "forclusion" (Verwerfung), primeiramente mencionado no artigo "Reponse au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud"<sup>34</sup>, num enfoque linguístico em "D'Une Question Préliminaire à Tout Traitement Possible de la Psychose"<sup>39</sup>. Nesta concepção, a "forclusion"(Verwerfung) consistiria na rejeição primordial de um significante fundamental que estaria fora do universo simbólico do indivíduo. O que implicaria em duas operações complementares: a introdução no indivíduo e a expulsão para fora do universo simbólico do indivíduo. Para a discussão destas duas operações, fundamentando-se no artigo de Freud sobre a (De)Negação.<sup>22</sup> A primeira delas seria o que Lacan denomina de simbolização (Bejahung) primária que, ao inaugurar a cadeia significante, possibilita a constituição do simbólico. Esta afirmação primordial vai propiciar também a cisão eu/mundo, condição básica para que do real algo venha oferecer-se à revelação do ser, fundamentando a possibilidade do próprio real. O ponto em que, segundo Freud, a realidade será reencontrada ou redescoberta. Portanto, a segunda operação constitui o real, na medida em que ele é o domínio

que subsiste fora da simbolização.

Dar-se-ia a "forclusion" (Verwerfung) quando, numa determinada época, não fosse possível a simbolização de algo que deveria ser simbolizado; houvesse uma negação em vez da afirmação primária. Dar-se-ia uma abolição simbólica, como Lacan descreve:

"... mais de ce qui n'est pas laissé être dans cette Bejahung qu'advient'il donc? Freud nous l'a dit d'abord, ce que le sujet a ainsi retranché (verworfen), disions-nous, de l'aventure à l'être, ne se retrouvera pas dans son histoire, si l'on désigne par ce nom le refoulé vient à réapparaître....."  
(p.388)<sup>4</sup>

Admitindo-se que o ser humano se define como tal no contexto edipiano, o que os objetos com os quais a criança se relaciona só tomam seu verdadeiro valor enquanto estabelecem uma relação com o "phallus", seria este o significante fundamental que deveria ser introjetado na simbolização primordial. - O "Phallus" enquanto Nome-do-Pai", representando a "Lei". - O "Nome-do-Pai" enquanto autor da "Lei" proíbe o "phallus" pela ameaça da castração (em se tratando de criança do sexo masculino), outorga a possibilidade do acesso ao desejo e proíbe o "phallus" no discurso do desejo da mãe. O "phallus" ficará, desde então, privilegiado. Aceitando a "lei do incesto", a criança reconhece o que é devido ao "Nome-do-Pai" por temor à castração. A realização de sua proibição vai também depender de como a figura materna apresenta este "Pai": como um simples reprodutor ou como legislador.

Inicialmente, é a mãe que tem o "phallus", ou o poder, o que é o mesmo para o desejo da criança; numa segunda etapa do algoritmo do Édipo, este "phallus" e "poder" desloca-se e confere valor ao pai: aqui atua a proibição edípica. O deslocamento do "phallus" encontra-se com a carência do pênis na mulher, que remete ao pai, de on

de o "phallus" como universal já não mais subsiste, e a frase "a mãe não tem um pênis" assegura no real a primazia do simbolismo da "Lei" para o sujeito. É neste ponto onde o indivíduo, não mais psicótico, poderá se tornar neurótico ou perverso:

A "forclusion" (Verwerfung) do "phallus" que determinará a psicose dá-se antes de toda constituição ou integração, no momento de sua constituição. Os significantes, então "forcluídos", não integrados no inconsciente do sujeito, não retornam do interior, mas do seio real, de modo singular no fenômeno alucinatório, o que, desde já, vem distinguir a "forclusion" (Verwerfung) da repressão (Verdrängung). Destino diferente terá o significante fundamental, quando não "forcluído". A repressão originária (Urverdrängung) do mesmo marca a cisão que vai estabelecer a diferença entre o sistema Ics e o sistema Pcs - Cs.

No caso do neurótico, a visão da ausência do pênis na mãe é tomada como diferença fundamental, causa do desejo, sendo este agora o desejo da diferença. A "Lei" foi aceita e a castração reprimida, o que implica na aceitação total da mesma. Neste caso, é novamente o "phallus" que se constitui como significante do coito parental. A frase "o desejo do outro" funciona como a aceitação simbólica da castração.

Na "recusa" (Verleugnung), lida-se com um dos significantes maiores, ou seja, a castração. É recusada a visão da ausência do pênis na mãe. Surge então uma "clivagem" (Spaltung) no ego, estabelecendo uma fissura. Esta clivagem (Spaltung) foi definida por Freud da seguinte maneira:

"... ya no habia de curar nunca, si que se abriera más con el correr del tiempo ... todo este proceso nos parece tan extraño porque damos por estableci

da la natureza sintética de los procesos yoicos; pero al respecto estamos evidentemente equivocados".  
(p. 389)<sup>27</sup>

Esta clivagem (Spaltung) vai possibilitar no perverso a separação entre a Lei e a castração. Enquanto a primeira é aceita, pois já houve a afirmação primordial do Nome-do-Pai, a castração é recusada. E o fetiche vai ser elaborado para compensar essa parte que não aceita a realidade da castração. O fetiche não é o símbolo do "phallus" real, mas o "phallus" enquanto simbólico. Em seu estudo sobre o fetichismo, Freud equiparou o mecanismo pelo qual explica esta perversão com o mecanismo originário do fato psicótico, ou seja, a recusa (Verleugnung). Entretanto, se aceitamos a psicose como uma perda de realidade em função do id, com uma tentativa de restituição da mesma, ainda em obediência ao id, quando o ego procura remodelá-la alucinatoriamente, a recusa (Verleugnung) por si só não explicaria este fenômeno.

#### 4.3. O Estudo da "Forclusion" (Verwerfung) no Caso do Presidente Schreber.

Lacan, em seu artigo "D'une Question Préliminaire à tout Traitement Possible de la Psychose"<sup>39</sup>, introduz o conceito de "forclusion" (Verwerfung) numa concepção linguística, fazendo uma releitura do Caso do Presidente Schreber, apresentado por Freud em "Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia (dementia paranoide) Autobiograficamente Descrito"<sup>12</sup>.

Como se sabe, o estudo que Freud realizou do caso do Presidente Schreber foi efetuado a partir da publicação de sua autobiografia.

Daniel Paul Schreber, cujo ardente desejo de imortalizar o seu caso foi realizado por Freud e, mais tarde, pela psicanálise, era presidente do Senado da Corte da Saxônia. As memórias que escreveu, e seus esforços para obter sua liberdade, dão testemunho de uma notável inteligência. Sua doença começou por perturbações nervosas que foram atribuídas a um esgotamento, devido a sua candidatura ao "Reichstag". Aparentemente, foi curado pelo Dr. Flechsig ao qual, durante muitos anos, consagrou uma enorme admiração.

Afetado por uma paranóia, narrou a história de sua doença num livro que produziu um enorme escândalo, por envolver pessoas importantes. A psicose de Schreber parece começar com o sonho de haver voltado à clínica de Flechsig, que o havia curado anteriormente.

"e con la idea que debia ser muy agradable ser una mujer en el momento del coito." (p. 662)<sup>12</sup>

A fantasia de transformação em mulher é o centro de seu delírio. A metamorfose é inicialmente vivenciada com angústia e temor, e o Dr. Flechsig é sentido por Schreber como querendo lhe fazer mal, "assassinar sua alma". Posteriormente, vem a aceitar a transformação como um compromisso: só se convertendo em mulher de Deus poderá realizar sua missão de redentor do mundo. Na espera desta mudança, Daniel Schreber não morrerá.

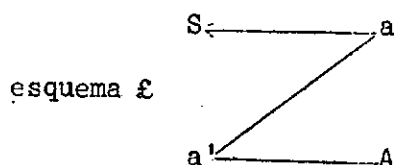
A mudança de atitude em relação a sua transformação em mulher se explica pela aparição do delírio, que tem por finalidade a aceitação da mesma, justificando-a com a fantasia de redenção.

Lacan viu no Caso Schreber, com muita clareza, o jogo dos mecanismos psicóticos cujo estudo poderá esclarecer vários pontos teóricos. E, ao examiná-lo num novo enfoque, realiza uma análise a partir do estudo do inconsciente, que, para o referido autor, é o lu

gar do Outro (a outra cena, como já chamou Freud).

"... la condition du sujet S (névrose ou psychose) dépend de ce qui se déroule en l'Autre A. Ce qui s'y déroule est articulé comme un discours (l'inconscient est le discours de l'Autre) dont Freud a cherché d'abord à définir la syntaxe pour les morceaux qui dans des moments privilégiés, rêves, lapsus, traits d'esprit nous en parviennent." (p.59)

Para representar a relação do Outro com o sujeito, utiliza a o seguinte esquema:



onde S representa a existência do sujeito; a, seus objetos; a', seu ego (o que reflete de sua maneira de ser nos objetos); e A, o lugar onde pode questionar o problema de sua existência. Este esquema, segundo Lacan, permite a compreensão do sentido da pergunta formulada pelo psicótico, que no caso de Schreber não se resume apenas em: "Sou um homem?" Mas em "Quem sou?" Deste modo, pode-se constatar que Lacan considera a homossexualidade não como um determinante da psicose paranóica - mas apenas como um sintoma articulado em seu processo. A indagação feita é sobre a própria existência.

Há no inconsciente do psicótico um jogo de significantes. Diz Lacan que se o sujeito entra neste jogo como morto, vai jogá-lo como vivo. Para compreensão do mesmo, é preciso que nos detenhamos um pouco no "estágio do espelho". O par imaginário deste estágio é composto de mãe e filho. O corpo da mãe é percebido como protetor e tranquilizador, na medida em que põe fim à angústia do "corpo despedaçado" (morcelé). Mas esta relação da mãe com o filho é cheia de perigos. A mãe vai perceber a criança como uma parte do seu corpo,

podendo chegar a querer reintegrá-lo. Do mesmo modo, a criança pode aspirar a uma fusão imaginária com o corpo materno. O par mãe-filho deve estar subordinado ao terceiro termo do triângulo imaginário, este terceiro termo que é o pai enquanto portador do "phallus", isto é, depositário da "Lei". O pai é quem vai impedir a fusão do par imaginário, ao proibir a mãe de reintegrar o filho. Lacan define este terceiro como:

"... celui où le sujet s'identifie à l'opposé avec son être de vivant, n'est rien d'autre que l'image phallique dont le dévoilement dans cette fonction n'est pas le moindre scandale de la découverte freudienne". (p. 552)<sup>39</sup>

O pai, como portador do "phallus" e da "Lei", o "Nome-do-Pai", é tido por Lacan como o significante fundamental em torno do qual tudo se organiza.

Para entrar na subjetividade do delírio de Schreber, Lacan introduz a fórmula da metáfora, ou seja, da substituição significativa:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S}{X} \longrightarrow S \left( \frac{I}{S'} \right)$$

Admitindo que o significante fundamental seja o "phallus", a simbolização primordial implicaria, como já dissemos, na introjeção do mesmo e na estabilização da metáfora paterna, enquanto lugar de articulação do "Nome-do-Pai", ou:

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo-da-Mãe}} : \frac{\text{Desejo-da-Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \longrightarrow$$

$$\longrightarrow \text{Nome-do-Pai} \left( \frac{A}{\text{Phallus}} \right)$$

O desejo da mãe no ternário simbólico que se desenvolve na presença de um outro (numerador do segundo membro) é o desejo do sujeito (filho) enquanto desejo do desejo. O sucesso da metáfora está



determinado pela elisão do desejo da mãe: é enquanto aceita a proibição do incesto também imposta à mãe que o "Nome-do-Pai" tem algum valor para o filho. Estabelecida a metáfora paterna, há a possibilidade de substituição e do estabelecimento da cadeia significante, constituindo-se para Lacan o inconsciente enquanto estrutura e dinâmica. A cadeia de significantes é instauradora da verdade e da natureza do sistema inconsciente, e deve ser inaugurada pela simbolização primordial.

O "phallus" será objeto metonímico que circulará em todos os significados, e que, no "imaginário", deve ser evocado na "metáfora paterna". A "forclusion" (Verwerfung) do "Nome-do-Pai" no lugar do "Outro" consiste num acidente no registro desta inauguração, e é aqui que, segundo Lacan, devemos buscar a falta que dá a psicose . a condição essencial junto à estrutura que a separa da neurose. No caso de ausência do "Nome-do-Pai" (não simbolização do significante fundamental), restará então um "vazio", impossibilitando o estabelecimento da cadeia significante. A tentativa de preenchimento deste "Vazio" ocorrerá com o fenômeno alucinatorio - o significante "forcluído, a realidade não simbolizada se imporá de fora. A alucinação será então definida como aquilo que é "rejeitado" do simbólico, reaparecendo no real. Diz Lacan:

"C'est le défaut du Nom-du-Père à cette place qui, par le trou qu'il ouvre dans le signifié amorce la cascade des remaniements du signifiant d'où procède le désastre croissant de l'imaginaire, jusqu'à ce que le niveau soit atteint où signifiant et signifié se stabilisent dans la métaphore délirante." (p. 577)<sup>39</sup>

No caso do presidente Schreber todo o delírio parece organizar-se em torno da ausência do significante fundamental (phallus). Como observa Lacan, o paciente deverá converter-se em mulher, não por-

que não tenha pênia, mas por ser o "phallus". Esta identificação com o "phallus" é um dos momentos da dialética do desejo, que se formula quando do Complexo de Édipo. Schreber, como não pode ser o "phallus" de que necessita Deus, será a mulher de que os homens precisam. Tal é o sentido da idéia já referido que lhe assalta certa manhã, de que seria agradável ser mulher no momento do coito.<sup>12</sup> O significante "forcluído" do inconsciente reaparecerá sob forma alucinatória, anunciando-se como o próprio sinal da psicose.

No caso do Presidente Schreber, o "Nome-do-Pai" aparece "forcluído" para sempre. O pai (Un-Père) vai surgir na figura do significante"; e a psicose se desencadeará, pois este pai (Un-Père) nunca será suficiente para preencher o "vazio" deixado pelo significante "forcluído". A "forclusion" (Verwerfung) implicará então na perda de uma faculdade que não foi requerida no tempo devido.

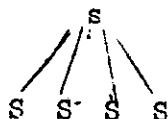
#### 4.4. Psicose, Delirante, e Esquizofrenias não Paranóide.

S. Leclaire tem uma contribuição à qual achamos interessante fazer uma referência, apesar de não termos tido acesso direto a seu trabalho. A partir da concepção lacaniana de psicose, S. Leclaire estabelece uma distinção entre os processos que ocorrem no psicótico delirante (paranóico) e no esquizofrênico (não paranóico).

De uma maneira geral, o psicótico caracteriza-se por uma alteração radical no uso do signo linguístico, devido à "forclusion" (Verwerfung), mas, segundo Leclaire, esta alteração apresenta uma forma diferente quando se trata do delirante (paranóico) ou do esquizofrênico (não paranóide).

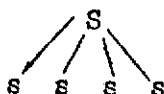
Na esquizofrenia (não paranóide), qualquer significante pode

rá designar um mesmo e único significado ou conceito. Dito de outro modo, o conceito ou significante não está unido de maneira estável a um significante, sendo possível numerosas permutações de significantes para designar este significado. Serge Leclaire representa graficamente esta perturbação, com o seguinte esquema:



O esquizofrênico (não paranóide) vive em um mundo de símbolos múltiplos, com a dimensão do imaginário e dos conceitos alterados.

No caso do psicótico delirante (paranóico), ocorre justamente o contrário: um significante pode designar qualquer significado. O significante não está ligado a um conceito definido. É o seguinte o esquema representativo da alteração:



O defeito encontra-se na própria dimensão simbólica, tornando-se impossível as denominações. O delirante (paranóico) vive num mundo imaginário.

## CONCLUSÃO

Como foi visto, a "forclusion" (Verwerfung) consiste na "rejeição primordial de um significante fundamental fora do universo" simbólico do indivíduo. Distinguir-se-ia da repressão (Verdrängung) em dois sentidos:

- a - os significantes rejeitados não são integrados no inconsciente do indivíduo;
- b - não retornam do interior, mas do seio do real, especialmente no fenômeno alucinatório.<sup>45</sup>

Lacan define significante como o suporte material do discurso, a "letra" ou os sons, em oposição ao significado, que é o conceito, o sentido inteligível expresso num discurso.

Freud, na sua tentativa de caracterizar os processos psíquicos primários e os processos psíquicos secundários, conclui, no artigo sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, que as representações conscientes são formadas pela junção do representante do objeto com o representante da palavra, enquanto que as representações inconscientes abrangem apenas os representantes dos objetos. Posteriormente, quando da elaboração de uma segunda topografia do aparelho psíquico<sup>17</sup>, entende que o ego é um sistema regido pelo processo psíquico secundário, e o id um sistema onde impera o processo psíquico primário. A distinção básica entre estes dois processos é que, no primeiro, há uma ligação de catexe, ou seja, as catexes dos objetos estão unidas aos conceitos lógicos, formando uma estrutura racional, enquanto que no segundo estas catexes deslizam, sem obedecer a nenhum princípio dito racional, sobre os representantes dos objetos.

Diante desta concepção freudiana, achamos válido dizer que o id seria uma estrutura composta de significantes, ou "uma cadeia de significantes", como se expressa Lacan, enquanto que na outra estrutura, no ego, estariam também os significados, conceitos.

A consciência implicaria na significação, ou seja, na união do significado com o seu significante correspondente.

Ainda no artigo sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, Freud explica a repressão (Verdrängung) como a não tradução em palavras de significantes que permaneceriam inconscientes e, portanto, inacessíveis a uma compreensão racional, estabelecendo-se assim uma clivagem (Spaltung) entre id e ego; em termos lacanianos, fortalecendo-se a barreira divisória do algoritmo saussuriano  $\frac{S}{s}$ .

Esta formulação apresentada dos diferentes sistemas foi atingida a partir da observação da linguagem do esquizofrênico, o que então levou Freud a indagar se o que ocorria nesta afecção poderia ser explicado pela repressão (Verdrängung), mecanismo típico das neuroses de transferência. Naquela afecção mental a "expressão verbal" é objeto de um cuidado especial; há uma desorganização na estrutura das frases (o que as torna ininteligíveis) e aparece frequentemente uma alusão a órgãos somáticos (linguagem hipocondríaca ou dos órgãos). Além do mais, há uma nítida diferença entre as formações substitutivas que ocorrem nas neuroses de transferência e as da esquizofrenia, denunciando nestas últimas um predomínio da relação do verbo e a do objeto. A semelhança da expressão verbal, e não a analogia entre as "coisas" que se quer expressar, é que decide a substituição. Como sabemos, a formação substitutiva é um segundo

momento, tanto no caso da neurose (retorno do reprimido) quanto no da psicose. Neste último, é uma tentativa de cura num esforço de recuperar os objetos perdidos através de delírios ou alucinações.

Os textos fundamentais que estão na origem das idéias freudianas sobre a psicose (esquizofrenia, parafrenia e paranóia) são o estudo sobre as "Memórias do Presidente Schreber"<sup>12</sup> e "A Introdução ao Narcisismo"<sup>13</sup>, onde a psicose é explicada por uma interrupção da catexa do objeto e, conseqüentemente, retorno da libido sobre o próprio indivíduo, que fica, assim, num estado narcisista. Dentro desta concepção, procura estudar o caso do Presidente Schreber como uma regressão à fase auto-erótica que poderia ser responsável por suas tendências homossexuais. O indivíduo poderá se defender de uma fixação ou regressão desse tipo, através de um delírio paranóico, destacando Freud, como mecanismo fundamental da paranóia, a projeção. Entretanto, ao analisar os diversos tipos de delírios, constata que a projeção não é assim tão fundamental, podendo mesmo estar ausente em alguns casos. Esta constatação interrompe as pesquisas de Freud, que agora vai se voltar para o estudo de uma repressão (Verdrängung) típica da paranóia. Expõe então que toda repressão é composta, como já vimos, de três fases:

- a - a repressão originária (fixação do representante da pulsão);
- b - repressão propriamente dita;
- c - o retorno do reprimido;

sendo no caso do presidente Schreber o primeiro momento compreendido como o ponto de fixação e de regressão da libido.

A preocupação com esta repressão originária (Urverdrängung) foi postulada a partir de seus efeitos: um representante ideativo

não pode ser reprimido se não sofrer simultaneamente com uma ação repressiva proveniente de uma instância superior, uma atração por parte dos conteúdos que já são inconscientes.

Voltando ao estudo da psicose, em 1920 e 1924 Freud<sup>19,20</sup> distingue a neurose da psicose, afirmando que se o neurótico reprime tendências do id, sob a pressão da realidade externa e em proveito da mesma, o psicótico realiza um mecanismo inverso e simétrico. Sob pressão do id, o psicótico se distancia da realidade. Conclui De Waelhens<sup>52</sup> que "o que leva o doente a fugir do real não é a força do id, mas o perigo representado pelas catexes irreprimáveis de que ele é dotado no inconsciente."

O neurótico se desvia da realidade quando não pode enfrentar as exigências que este real lhe impõe, mas não a nega totalmente. Enquanto que o psicótico recusa a realidade externa.

A partir de então, os estudos de Freud vão se centrar neste mecanismo de recusa (Verleugnung) da realidade externa, em sua busca de um mecanismo típico da psicose. Já em seu artigo sobre a "Organização Genital Infantil"<sup>18</sup> mostra ser comum, na criança do sexo masculino, não aceitar a castração da mulher, fato que, posteriormente, é elaborado e integrado. Ao estudar o fetichismo<sup>24</sup>, em 1927, o termo recusa (Verleugnung) passou a ser usado num sentido específico, como mecanismo típico desta perversão, reconhecendo um certo parentesco da mesma com a psicose. Na medida em que a recusa (Verleugnung) incide na realidade externa, Freud vê nela, em correspondência à repressão (Verdrängung) do neurótico, o primeiro momento da psicose. Numa primeira etapa, o fetichista recusa-se a aceitar o fato da castração feminina. Posteriormente, é forçado a encarar esta realidade, o que determina a coexistência de duas posições inconciliáveis: a recusa

(Verleugnung) e o reconhecimento da castração. Esta simultaneidade vai constituir uma verdadeira clivagem (Spaltung), no indivíduo.

A recusa (Verleugnung) oposta pela criança, pelo fetichista e pelo psicótico a esta realidade - que seria a ausência de pênis na mulher - é concebida como recusa (Verleugnung) a admitir a própria percepção e a fortiori inferir a sua consequência, isto é, a teoria sexual infantil da castração.

Em 1938<sup>26</sup>, contrapõe dois modos de defesa: repelir uma exigência pulsional do interior e recusar um fragmento do mundo exterior.

Havia, pois, uma preocupação constante em Freud de definir um mecanismo típico do fenômeno psicótico, diferenciando-o do neurótico. O mecanismo psicótico estaria ligado, num primeiro momento, à operação de excluir a realidade. Após esta recusa (Verleugnung), passariam a coexistir no psicótico duas correntes: a parte de sua vida psíquica que ainda mantém algum contato com o mundo externo, e a outra que o rejeitou e que, posteriormente, vai substituí-lo alucinatoriamente. Vimos que, na psicose, como no fetichismo, dar-se-ia uma recusa (Verleugnung) seguida de clivagem (Spaltung). Nessas formulações, esta recusa (Verleugnung) da realidade implica sempre numa retração da libido e uma regressão a um estado narcisista. Entretanto, A. de Waelhens<sup>52</sup> corrige esta tese baseando-se no texto sobre "O Inconsciente"<sup>14</sup>, e conclui que a linguagem esquizofrênica é incompreensível, pois há uma confusão entre significante e significado. Isto se dá porque há subtração de catexe do representante do objeto no interior do próprio inconsciente: o doente tentará restabelecer a sua ligação com o mundo, concentrando-se nas palavras. Estas passam a constituir a realidade concreta. Este superinvestimen



to do representante da palavra constitui uma tentativa de cura através da alucinação ou do delírio.

Realmente, no caso do psicótico há uma recusa (Verleugnung) seguida de clivagem (Spaltung), quando da tentativa de restauração da realidade. Entretanto, esta formulação não corresponde à noção de psicose como é apresentada no artigo "O Inconsciente"<sup>14</sup>. A realidade é recusada, mas a falta de investimento dá-se nos representantes de objetos dentro do próprio inconsciente do indivíduo, e não na realidade externa.

A significação consciente é atingida quando ocorre a junção entre o representante do objeto e o conceito a ele correspondente, caracterizando-se assim o processo psíquico secundário. Ao faltar o suporte material, restam só as palavras que ficam, então, submetidas ao processo psíquico primário.

Mas como o indivíduo adquire estes representantes de objetos - esta rede de significantes?

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"<sup>23</sup>, vemos que o bebê, ao nascer, não está suficientemente preparado para enfrentar o mundo que o espera. O nascimento traz em si uma inadaptação pela quebra brusca de equilíbrio. A criança terá que, pouco a pouco, ir dominando o mundo através da compreensão do mesmo, o que é realizado pela simbolização.

Ainda no artigo citado acima, Freud se refere à criança tendo que reprimir alguns aspectos do real por conta do aumento de excitação que a percepção deste real lhe traz internamente.

No comentário do texto sobre o mecanismo de (de)negação (Verneinung) de Freud, Jean Hyppolite distingue um julgamento de atribuição (expulsar ou introjetar) e um julgamento de existência. No jul-

gamento de atribuição há introjeção e afirmação (Bejahung) de aspectos objetivos.

Num primeiro contato do bebê com o mundo, ele é algo "real" dentro de um mundo "real". No entanto, para que possa organizar este "real" e se situar nesta organização, torna-se necessário que ele obtenha um certo distanciamento, uma mediação, atingindo assim a ordem simbólica. Faz-se mister que diferencie "dentro" e "fora". Portanto, vai ser necessário introjetar aspectos objetivos e substituí-los por outros sem os confundir.

A repressão originária (Urverdrängung) corresponderá aos primeiros representantes ideativos que se fixam no sistema Ics. (como já vimos, este sistema é formado por representantes de objetos). A repressão originária (Urverdrängung) é responsável pela fixação no interior do indivíduo, das primeiras impressões que ele capta do mundo "real", estabelecendo-se assim um "dentro" e um "fora". Desta maneira, a criança vai se definir como indivíduo, não sendo mais um prolongamento do corpo da mãe.

Lacan explica a "forclusion" (Verwerfung) como o negativo desta repressão originária (Urverdrängung). A criança recusa o "real", não introjetando representantes do mesmo que iriam constituir um primitivo núcleo inconsciente. Em termos de julgamento de atribuição, consistiria na expulsão. Pretende, com isto, perpetuar uma ligação imediata com o "real", ou seja, com a mãe. O ser humano, no decorrer de sua história, tem que aceitar renúncias sucessivas: nascimento, desmame, Édipo, etc., cada uma delas relacionada com a precedente, formando uma integração. Em cada uma dessas fases, algo é introjetado em termos de significantes, preparando o sujeito para sua individualidade, possibilitando que venha a atingir a significação de si e do mundo. Mas, para que isto ocorra, é necessário que a

realidade externa seja aceita e que o indivíduo renuncie a se ver como um ser completo, acabado. Isto não ocorrendo, aspectos do mundo objetivo não são introjetados, havendo no inconsciente vazios correspondentes à não introjeção destes representantes de objetos. À recusa do "real", nestes termos, Lacan denominou "forclusion", referindo-se à "Verwerfung" empregada por Freud quando da análise do caso do "Homem dos Lobos". - Este não aceitou a realidade da castração e, por isto mesmo, ao apresentar um comportamento genital aparente, a genitalidade permanecia letra morta em seu inconsciente. Este é exata - mente o sentido da "forclusion" lacaniana. O sujeito que perde a disposição do significante espanta-se diante do que há de estranho no significado. Isto ocorre no caso dos "Homens dos Lobos", quando o menino corta o dedo.

A repressão originária (Urverdrängung), com a introjeção das primitivas catexes de objeto, vai possibilitar a constituição do simbolismo. O alcance do nível simbólico, processo psíquico secundário, permite a compreensão do "real". No caso da "forclusion", este nível não é atingido, daí o "real" se tornar ininteligível. O psicótico, em sua tentativa de cura, procurará superar esta falha através de alucinações ou delírios.

Lacan vai descrever a passagem do nível imaginário ao simbólico através do complexo de Édipo, analisando o caso Schreber. Considera as fases anteriores como preparatórias.

#### Em síntese:

- 1 - "Forclusion" pode ser considerado um conceito psicanalí-tico, porque corresponde à letra e ao sentido freudiano.

- a) Corresponde à letra freudiana, pois é a tradução de "Verwerfung", termo usado por Freud no texto sobre "As Neuropsicoses de Defesa"<sup>7</sup>, ao escrever: "existe uma espécie de defesa muito mais enérgica e eficaz que consiste no fato de o ego "verwirft" a representação incompatível e o seu afeto, e se conduzir como se a representação nunca houvesse chegado ao ego". A palavra é sobretudo usada no caso do "Homem dos Lobos"<sup>16</sup>, onde aparece por diversas vezes.
- b) Corresponde ao sentido freudiano porque, sendo a "forclusion" a rejeição de um significante primordial para fora do universo simbólico do indivíduo, está de acordo com o que Freud quer expressar ao falar ainda no caso do "Homem dos Lobos"<sup>16</sup>: "... a terceira cor - rente, a mais antiga e mais profunda que, pura e simplesmente, tinha "verworfen" a castração, e na qual ainda não se tratava de ajuizar a realidade dela..."

2 - "Forclusion" é mecanismo psicótico porque, no momento em que se refere à não integração de significantes no in-  
consciente, explica a confusão que o psicótico faz em sua linguagem entre significante e significado: desen-  
vestimento das representações da palavra. Por outro la  
do, na restauração intentada pelo psicótico, as palavras são usadas como se fossem coisas. Na ausência de repre  
sentantes de objetos, o psicótico utiliza-se dos concei  
tos de uma maneira concreta, para restaurar, através de alucinações e delírios, o mundo perdido.

3 - Na psicose, segundo Freud, há dois momentos:

- a) O ego, em obediência ao id, se afasta da realidade externa;
- b) O ego, ainda em obediência ao id, a refaz alucinatoriamente ou sob forma de delírio.

A "forclusion" não corresponde apenas ao somatório das duas etapas. Já vimos que, num primeiro momento, ocorre o desinvestimento dos representantes dos objetos existentes no interior do próprio id: uma não integração dos mesmos no núcleo mais primitivo do homem.

Num segundo momento, é tentada uma restauração destas catexes de objetos internos para a compreensão do "real". Como isto não é possível, porque <sup>há tentativas de uma constituição falsa</sup> lhe faltam os pontos referenciais básicos (significantes) a partir das palavras (conceitos) aprendidas de forma estereotipada que ficam então submetidas ao processo psíquico primário.

## B I B L I O G R A F I A

- 1 - ALTHUSSER, L. "Freud e Lacan" (1965) in Estruturalismo. Antologia de Textos Teóricos. Portugália Editora. P<sub>r</sub>o<sub>t</sub>ugal. 1968.
- 2 - AUZIAS, J. M. Chaves do Estruturalismo. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1972.
- 3 - BARROS, C. P. "Thermo Dynamic and Evolutionary Concepts in Formal Structure of Freud's Metapsychology" in ARIE<sub>T</sub>E, The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy. Vol. I, Basic Books, 1971.
- 4 - CAPALBO, C. "Psicanálise e Estruturalismo". Tempo Brasileiro Rio de Janeiro. 21-22: 107-133.
- 5 - FREUD, S. "Proyecto de una Psicología para Neurologos" (1895) in Obras Completas. Vol. III, XIV. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 6 - FREUD, S. "Manuscrito H. Paranoia" (1895) in Obras Completas. Vol. III, XIII. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 7 - FREUD, S. "Las Neuropsicosis de Defensa: Ensayo de una Teoría Psicológica de la Histeria Adquirida, de Muchas Fobias y Representaciones Obsesivas y de ciertas Psicosis Alucinatorias". (1895) in Obras Completas. Vol. I, III, 5. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 8 - FREUD, S. "Carta a Wilhelm Fliess de 6-12-96" in Obras Completas. Vol. III, XIII, 52. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 9 - FREUD, S. "Nuevas Observaciones sobre las Neuropsicosis de Defensa" (1899) in Obras Completas. Vol. I, III, 11. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 10 - FREUD, S. "La Interpretación de los Sueños" (1901), in Obras Completas. Vol. I, IV. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 11 - FREUD, S. "Sistemática" (1910) in Obras Completas. Vol. II, I, 2. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 12 - FREUD, S. "Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia (Dementia Paranoide) Autobiográficamente Descrito" (1911) in Obras Completas. Vol. II, VII, 5. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.


- 13 - FREUD, S. "Introducción al Narcisismo" (1914) in Obras Completas. Vol. I, XI. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 14.- FREUD, S. "Lo Inconsciente" (1915) in Obras Completas. Vol. I, X. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 15 - FREUD, S. "La Represion" (1915) in Obras Completas. Vol. I, X. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 16 - FREUD, S. "Historia de una Neurosis Infantil" (1918) in Obras Completas. Vol. II, VII, 6. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 17 - FREUD, S. "El yo y el Id" (1923) in Obras Completas. Vol. I, XV. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 18.- FREUD, S. "La Organización Genital Infantil" (1923) in Obras Completas. Vol. I, XIV, 6. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 19 - FREUD, S. "Neurosis y Psicosis" (1924) in Obras Completas. Vol. II, VIII. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 20 - FREUD, S. "La Perda de la Realidad en las Neurosis y en las Psicosis". (1924) in Obras Completas. Vol. II, VIII, 4. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 21 - FREUD, S. "Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Sexual Anatómica" (1925) in Obras Completas. Vol. III, XII. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 22 - FREUD, S. "La Negación" (1925) in Obras Completas. Vol. II, XIII, 13. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 23 - FREUD, S. "Inhibición, Síntoma y Angústia" (1925). in Obras Completas. Vol. I, XVI. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1948.
- 24 - FREUD, S. "Fetichismo" (1927) in Obras Completas. Vol. III, XII, Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 25 - FREUD, S. "El Desarrollo de la Función Sexual" (1938). in Obras Completas. Vol. III, XVII, III. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 26 - FREUD, S. "El Aparato Psíquico y el Mundo Exterior". (1938) in Obras Completas. Vol. III, XVIII, VIII. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.

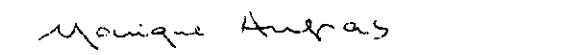
- 27 - FREUD, S. "Escision del Ego en el Proceso de Defensa" - (1938) in Obras Completas. Vol. III, XI. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid. 1968.
- 28 - HESNARD, A. De Freud a Lacan. Les Editions ESF. Paris. 1970.
- 29 - HYPOLITE, J. "Commentaire Parlé sur la Verneinung de Freud" in Lacan, J. , Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 30 - LACAN, J. "L'Agressivité en Psychanalyse" in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 31 - LACAN, J. "Le Stade du Miroir comme Formateur de la Fonction du Je". (1949) in Ecrits. Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 32 - LACAN, J. "Fonction et Champ de la Parole et du Langage" (1953) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris 1966.
- 33 - LACAN, J. "Introduction du Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud". (1954) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 34 - LACAN, J. "Réponse au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud". (1954) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 35 - LACAN, J. "La Chose Freudienne" (1955). in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 36 - LACAN, J. "Le Séminaire sur la Lettre Volée" (1955) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 37 - LACAN, J. "La Psychanalyse et son Enseignement". (1957), in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 38 - LACAN, J. "L'Instance de la Lettre dans L'Inconscient ou la Raison depuis Freud". (1957) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris.
- 39 - LACAN, J. "D'Une Question Préliminaire à tout Traitement Possible de la Psychose". (1957-1958), in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 40 - LACAN, J. "La Signification du Phallus" (1958) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris..1966.
- 41 - LACAN, J. "Subversion du Sujet et Dialectique du Desir" (1960) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.



- 42 - LACAN, J. "Position de l'Inconscient" (1964) in Ecrits. Aux Editions du Seuil. Paris. 1966.
- 43 - LACAN, J. "Scilicet". 1. Aux Editions du Seuil. Paris. 3-13. 1968.
- 44 - LAPLANCHE, J. y  
LECLAIRE "El Inconsciente: Un Estudio Psicanalitico". in  
EY, H. El Inconsciente (Coloquio de Bonneval)  
Siglo Veintiuno Editores. S.A. Mexico. 1970.
- 45 - LAPLANCHE, J. y  
PONTALIS, J. B. "Vocabulario da Psicanálise". Moraes Editores.  
Lisboa. 1970.
- 46 - LEVIN, M. "El Destino del Significante en el Complejo de  
Edipo". Cuadernos Sigmund Freud (Temas de Jacques  
Lacan) 1. Ediciones Nueva Visión. Buenos  
Ayres. 1971.
- 47 - MASOTTA, O. Introducción a la Lecture de Jacques Lacan. Edi-  
torial Proteo. Buenos Ayres. 1971.
- 48 - PALMIER, S. M. Jacques Lacan, lo Simbolico y lo Imaginario.E-  
ditorial Proteo. Buenos Ayres. 1971.
- 49 - PAULUS, J. La Fonction Symbolique et le Langage. Charles  
Dessart, Editeur. Bruxelles. 1970.
- 50 - RIFLET-LEMAIRE,  
A. Jacques Lacan. Charles Dessart. Editeurs. Bru-  
xelas. 1970.
- 51 - SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Editora Cultux.  
4a. ed. S. P. 1972.
- 52.- WAELEHENS, A. DE La Psychose. Essai d'Interprétation Analytique  
et Existentielle. Editions Nauwerlaerts. Lou-  
vain. 1972.

Tese apresentada no Departamento de  
Psicologia da Pontifícia Universida  
de Católica do Rio de Janeiro, fa-  
zendo parte da Banca Examinadora os  
seguintes professores:

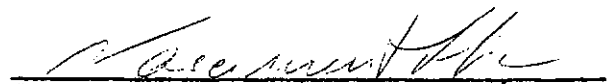
  
Prof. Carlos Paes de Barros

  
Prof<sup>a</sup>. Monique Augras

  
Prof<sup>a</sup>. Circe Navarro Rivas

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 27 de março de 1973

  
Coordenados dos Programas de Pós-gra-  
duação e Pesquisa do Centro de Teolo  
gia e Ciências Humanas.